FILOLOGOS BRASILEIROS

A Eremildo L. Vianna
testemunho da amizade e da
gratidão.
Z. H.

O presente estudo, elaborado durante a nosssa estada no Brasil onde nos anos de 1960-61 ministramos um curso de Filologia Românica na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), reune vinte uma breves monografias dos principais filólogos brasileiros do passado e do presente. Sendo o primeiro trabalho deste tipo já realizado no Brasil e sôbre a filologia brasileira, visa, sobretudo, contribuir para o estudo sistemático da história da filologia no Brasil*.

VISCONDE DE BEAUREPAIRE-ROHAN.

Entre os filólogos brasileiros do passado destaca-se o nome do Visconde de Beaurepaire-Rohan, autor do *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* (1889), obra que marcou época pelo material que contem e pelo seu método.

Henrique de Beaurepaire-Rohan nasceu a 12 de Maio de 1812 no sitio de Sete Pontes, perto de S. Gonçalo (no Estado do Rio). Era um dos quatro filhos de Jacques Antonio Marcos, conde de Beaurepaire, autor do *Compêndio de Geografia* (1837), considerado um dos melhores livros do gênero aparecidos no Brasil no início do século passado (cf. *Revista Brasileira de Geografia,* III, 1941, 403). A famí-

* O autor agradece ao Prof. A. Nascentes as valiosíssimas sugestões, conselhos e materiais, amavelmente fornecidos para êste trabalho.

lia era da França; depois da Revolução Francêsa se transferiu para Portugal e em 1807 acompanhou a família real portuguêsa em sua transladação para o Brasil.

O futuro militar, político, homem de letras, geógrafo e filólogo aprendeu as primeiras letras com seus pais e, mais tarde, estudou num dos colégios do Rio, matriculando-se em 1832 na Academia Militar. Depois da conclusão do curso de Engenharia em 1837 foi rápida a carreira de Henrique de Beaurepaire-Rohan, não só devido à sua origem, mas, sobretudo, graças ao seu talento e á sua extraordinária capacidade de trabalho. Foi Presidente das Províncias do Pará em 1856 e do Ceará em 1857, Ministro da Guerra no Gabinete Furtado, 1864, Conselheiro da Guerra em 1878 e Conselheiro de Estado, em 1887. Morreu a 10 de Julho de 1894 como Ministro do Supremo Tribunal Militar, como Grande do Império, visconde e Marechal.

O cargo honroso que ocupava, de Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a sua qualidade de sócio de muitas outras associações cientifico-culturais é uma das provas de aprêço em que foram tidas as obras do ilustre cientista já durante a sua vida.

"Alta capacidade intelectual, a austeridade de caráter e devotação ao serviço da pátria" definem — segundo a Barão Homen de Melo (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, 62, 2, 1889, p. 200) — a personalidade do culto Visconde.

Nas suas múltiplas viagens a serviço do Brasil palmilhou tôda essa extensa terra, tornando-se, segundo o Visconde de Taunay, "um dos homens que mais larga e exatamente conheceram êste vastíssimo país" (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, LVIII, 1 (1895), pág. 77). Êste fato, além da sua já mencionada capaicade de trabalho, realizado sempre muito metodica e meticulosamente, permitiu-lhe publicar importantes obras, sobretudo, geográficas e históricas.

A primeira delas é uma minuciosa descrição da viagem que empreendeu de Cuiabá ao Rio de Janeiro, passando, como se fazia naquela época, pelo Paraguai, Argentina, Rio Grande do Sul e daí por navio ao Rio. Outras suas obras notáveis são *A Ilha de Fernando de Noronha* e a *Conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil*. Nestes livros revela-se o democratismo do Visconde, que se demonstrou também na sua atitude contária à ditadura no Paraguai e, especialmente, à escravidão. Na primeira delas, a par de uma descrição geográfica da ilha-presídio, trata dos melhoramentos materiais e morais proveitosos tanto para a ilha, como para os presos

e os militares da guarnição. Na segunda obra, manifestando seu espírito de justiça e tolerância, defende o aborígene brasileiro. Do ponto de vista geográfico, porém, as suas duas obras mais importantes são a *Carta Geral do Brasil,* organizada para a Exposição Universal de Viena e um tratado sôbre a corografia do Brasil: *Estudo acêrca da organização da carta geográfica e da história física e política do Brasil.* Entre outras obras do Visconde de Beaurepaire-Rohan figuram ainda: *Sinopsis genealógica, cronológica e histórica dos reis de Portugal e dos imperadores do Brasil, Relatório final da comissão da Carta Geral do Império, O Abolicionismo e seus adversários, Demonstrações geográficas da derrota provável de Pedro Álvarez Cabral* e *Considerações acêrca dos melhoramentos geográficos de que, em relação às secas, são susceptíveis algumas províncias do norte do Brasil.* Além disso deixou uma corografia do Mato Grosso, um livro sobre *O futuro da grande lavoura e da grande propriedade no Brasil,* uma planta do entrinchamento da cidade de Pôrto Alegre e, como engenheiro que foi, várias obras técnicas em diversos pontos do Brasil.

Já esta enumeração incompleta mostra a atividade incansável e a grande cultura de Beaurepaire-Rohan. Mas a sua erudição foi para a época tão grande que "Relativamente a tão vasto círculo de intrução, foi / . . . / limitado o número de obras e escritos que nos legou" (Taunay, ob. cit., p. 77). A sua meticulosidade não lhe permitia publicar senão obras maduras e bem pensadas. Êste é, também, o caso do único trabalho filológico que deixou: *o Diccionario de Vocabulos Brasileiros.*

Ao fino espírito observador de Beaurepaire-Rohan não escaparam, durante as suas múltiplas viagens pelo Brasil e os anos de vida que passou em diversos lugares do país, desempenhando lá várias funções de que foi incumbido, as particularidades locais da fala. Procedendo ao paciente estudo delas, chegou a coligir uma considerável quantidade de têrmos apresentando-os mais tarde ao público no citado *Diccionario.*

A obra é relativamente pequena (147 págs.), porque —para citarmos outra vez o Visconde de Taunay— "sempre o receio de induzir alguém no menor equívoco ou em êrro mais sério" (ob. cit., p. 87) obrigou ao autor a uma rigorosa escolha do seu material. "Nem se imagina o esforço consciencioso, extenuo, que aquelas páginas lhe custaram, o labor insano, meticuloso, que a menor palavra lhe impunha", conta-nos Taunay no citado necrológio. Aliás, o autor revela êste seu senso de responsabilidade no prefácio, onde também explica a pequena extensão da obra: "Reconheço que o meu *Diccionario de*

Vocabulos Brasileiros melhor preencheria seu título se compreendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos produtos naturais, das tribus dos aborígenes que existiram e ainda existem em nosso país, a das localidades, cuja etimologia é tão rica de poesia. Não foi certamente por me faltarem materiais que deixei de o fazer; foi pelo receio de perder o meu trabalho, se não me apressasse em publicá-lo, no pé em que se achava. Na minha avançada idade, não é lícito confiar muito na vida."

O *Diccionario,* além de mostrar o escrúpulo que o autor punha às suas obras, confirma as palavras de Taunay (ob. cit., p. 73), de que o cientista "Nunca ficava satisfeito com o grau de veracidade e exação que lhes imprimia". Isso nos demonstra outro passo de seu prefácio, onde cita o conceito de Gresset: *On doit s'honorer des critiques, mépriser la satire, profiter de ses fautes e faire mieux,* não pedindo indulgência do leitor, senão "a mais rigorosa censura"; "considerarei como um ato de benevolência da parte daquêles que, interessando-se por assuntos dêste gênero, se dignarem dirigir-me suas observações, no sentido de melhorar o meu trabalho."

O rigoroso método científico que o Autor adota, é confirmado não só pela documentação de cada têrmo, incluido no *Diccionario,* mas também pela relação das pessoas que contribuiram com informações, a qual antecede a próprio glossário. "Como os outros trabalhos do Visconde de Beaurepaire-Rohan", diz o Barão Homen de Melo, ob. cit., p. 224, "esta obra recomenda-se pela rigorosa exatidão e autenticidade das verificações, banindo-se dela as interpretações fantasiosas, que tantas vezes desfiguram escritos dêste gênero." Ainda mais notável é a apreciação do *Diccionario,* por parte de Rodolfo Lenz, que, no seu *Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indijenas americanas,* Santiago, 1905-1910, p. 81, n. 1, opina que "Entre los diccionarios de americanismos éste es el más científico" e anota, ainda, que a obra "con razón" exclui observações de fonética e morfologia, citando, porém, as fontes das palavras do guaraní e de origem africana ou indicando a significação e a área geográfica do emprêgo e limitando o número das palavras de história natural.

A recente reedição do livro (Ed. Progresso, Bahia, 1956) testemunha o valor histórico e documentário que a obra conserva até hoje, relembrando, além disso, a figura, sob todos os pontos de vista, nobre do autor, a respeito da qual o Visconde de Taunay (ob. cit., p. 73) teceu ainda os seguintes elogios:

"Sem mancha / . . . / chegando aos derradeiros momentos, poderia

o ilustre varão voltar-se, como que no cimo de elevada montada e olhar longe, muito longe para trás de si; não enxergaria na espaçada e bem preenchida vida senão atos que grandemente o habilitaram e de que sempre emergiram, na serena esfera moral, proveito para a patria e brilho para a sua honrada personalidade."

MANUEL PACHECO DA SILVA JR.

Queixa-se, muito justamente, o mais importante biógrafo de Manuel Pacheco da Silva Jr., H. da Silva Lima, "do olvido em que anda um dos mais cintilantes espíritos que honraram a filologia portuguêsa" (*Juizos iniciais*, Rio, 1921, p. 3), afirmando ainda que em redor dessa curiosa individualidade "se vem firmar a deslembrança, o silêncio vergonhoso de quem despreza suas tradições, dos que abjuram de suas glórias". Também Laudelino Freire, mais tarde, nos *Clássicos brasileiros* (Rio, 1923, págs. 249-252; o artigo foi transcrito no *Anuário do Colégio Pedro II,* vol. IX, 1935-36, págs. 213-215) observa que "vai se deste modesto professor pouco a pouco amortalhando o nome na poeira dos anos" (*Anuário,* p. 214). Hoje, muito tempo depois de terem sido proferidos esses juizos, podemos repeti-los, mostrando que o introdutor do método histórico comparativo em lingüística no Brasil é um nome quase desconhecido.

É verdade, a obra de Pacheco Jr. é pequena, mas, para citarmos outra vez Laudelino Freire, bastante "para conferir-lhe o título do prosador exemplar, cujos méritos não os logrou anular nem a estreiteza, nem a tortura da logomaquia gramatical. Foi bom gramático e ótimo escritor." (*Anuário,* p. 214).

A pouca amplitude das obras de Pacheco Júnior deve-se, em certa medida, à vida boêmia e desordenada que levou, ao seu caráter impulsivo e um tanto inconstante. Embora possuidor de uma boa cultura, parece não ter tido uma vida bastante metódica para poder produzir tudo o que a sua erudição lhe permitia fazer, não lhe faltando, aliás, nem vontade, como transparece dos seus livros já publicados, onde ás vezes se citam novas obras em preparação que nunca chegariam a ser publicadas.

Pacheco Jr. nasceu no Rio, a 15 de abril de 1842. Era filho do conselheiro Dr. Manuel Pacheco da Silva, posteriormente Barão de Pacheco, conhecido médico e durante 17 anos reitor do Imperial Colégio Pedro II (1855-1872) e, mais tarde, aio de filhos da princesa D. Leopoldina, duquesa de Saxe. Os primeiros estudos fêz em casa, sob a direção do pai, ingressando depois na Escola Central, chamada desde

1874 Politécnica e hojes Escola Nacional de Engenharia. Mas o temperamento extremamente dado á boêmia não permitiu ao jovem estudante passar do primeiro ano. Saiu de lá para se matricular na Escola de Marinha. Mas também dêste estabelecimento de ensino se desligou. Depois de ter deixado de ser estudante, procurava emprêgo e conseguiu um lugar de amanuense da secretaria dos Negócios Estrangeiros, passando, pouco mais tarde, devido aos seus conhecimentos das línguas, para oficial de gabinete do ministro.

A vida boêmia que levava, parece ter sido causa do rápido enfraquecimento da sua saúde. Un médico, amigo da família, no seu diagnóstico, verificou que o jovem oficial estava tuberculoso. Mas apesar de o pai chegar à conclusão de que o médico tinha pintado a situação pior do que era, mandon o filho para a Europa. A estada de aproximadamente um ano em Paris, completada com visitas a Inglaterra e Bélgica, em nada mudou os hábitos boêmios do filho, que só escrevia à família, quando precisava de dinheiro, o que não era raro. "Sempre mandava pedidos de cheques ao seu pai, às vezes indicando apenas a quantia", conta-nos H. da Silva Lima no citado discurso.

Durante os meses passados na Europa Pacheco Jr. chegou a conhecer o movimento filológico do tempo, leu muita literatura, tornando-se um especialista notável. Isso mostraram nao só as suas obras, mas também seus brilhantes concursos que fêz para o lugar de professor da língua inglêsa no Imperial Colégio de Pedro II e para a cadeira de português e literatura geral da mesma escola, apresentando a tese *Arioso e Tasso*. A sua carreira pedagógica prolongou-se até 1886, ano em que se aposentou, retirando-se para Nitërói, onde, mais tarde, foi eleito vereador da Câmara Municipal. Como nos conta dramáticamente H. da Silva Lima, "Apartado da família, dos amigos e discípulos, morreu anónimo, em companhia de mulher que talvez nem compreendesse o valor do companheiro de existência, aos 27 de fevereiro de 1899".

A bibliografia de Pacheco Jr. é, como já dissemos, pequena, mas seria longa se se tivessem realizado todos os planos do filólogo. Teria, sido, por exemplo, interessante o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*, que Pacheco anuncia em 1877, prometendo a sua publicação em folhetos de 32 páginas; também na sua *Gramáatica histórica* (p. 133, nota) fala do "nosso" *Dicionário etimológico*. Mas na polémica com o Dr. José Barbosa Leao informa-nos mais amplamente sobre a sorte desta obra: "Fizemos tudo quanto é costume fazer para a obtenção de assinaturas, à razao de 400 réis da nossa moeda por um

fascículo de 32 págs., mas *felizmente* não conseguimos nem uma assinatura. Felizmente, dissemos nós, porque muito temos corrigido, polido, acrescentado." (Vj. Suplemento literário de *A Manhã,* de 18.2.1945.) Pensava o filólogo incluir no dicionário os têrmos indígenas, avisando, porém, que ignora a verdadeira etimologia de alguns; "de outros apresentamos hipóteses que nos pareceram bem fundadas pois sempre adotamos o método comparativo".

Sacramento Blake que no seu *Dicionário* dá uma pequena e incompleta nota sôbre Pacheco Jr., informa sôbre a existência de uma obra feita em colaboração com Ventura Boscoli: *Noções da Análise Gramatical, fonética, etimológica e Sintática.* O mesmo dicionarista dá também referência sôbre uma *Sintaxe. Estudo a fundo da fisiologia e gênese da língua,* confessando honestamente que nunca viu a obra. Igualmente vaga é a indicação de Blake sôbre um *Prontuaário do escritor portugues,* 1887.

Além da vida boêmia foram as circunstâncias de ordem material e economica a causa de terem frustrado alguns dos planos de Pacheco Jr. H. da Silva Lima cita as suas palavras a respeito de uma obra programada sob o título geral de *Estudos da Língua portuguesa*: "Tivemos / . . . / de mudar de propósito, que no dizer do escritor portugues Silvestre Ribeiro – pobreza nao deixa brilhar. Elevada era a soma que se nos pediu para a impressao desses trabalhos . . ." E continua assim o filólogo: "acresce que entre nós é semsaboria ocupar-se um homem de coisas pátrias. Só tem primores, só interessa o que vem do estrangeiro. Os seus mestres sao Montépin, Gaboriau, Terrail. Eis porque vemos a nosso formoso idioma cheio de mazelas e achaques, e ouro de lei substituido pelo mais barato alquime, e tantos literatos dando "por lebres tão fedorentos gatos". Todavia, para satisfazermos ao desejo que nos foi manifestado pelo distinto proprietário da "Imprensa Industrial", iremos publicando nas colunas de tão interessante revista algumas notas sôbre a língua portuguêsa. Se tiverem aceitação (o que não é provável) continuaremos a escrever; se passarem despercebidas, retiramo-nos ao silêncio . . ." Não é esta a única vez que o filólogo faz queixas amargas, sentindo-se desiludido pelo ambiente indiferente e cheio de dificuldades.

As principais obras de Pacheco Jr. são quatro.

Em 1875 disse que tinha concluído um trabalho sôbre a língua portuguêsa. Foi sem dúvida o *Estudo da língua vernácula. Fonologia,* Rio, 1877. No prefácio declara o autor que "não era o desejo de brilhar que o movia, mas ficava o merecimento de ter sido quem

primeiro lucubrou em língua portuguêsa trabalho glótico de maior momento". Teve o cuidado de ler as primeiras edições de trabalhos magistrais relativos ao assunto e estudar a latim das inscrições e epitáfios, os monumentos arcaicos e os de baixa latinidade. Mais tarde, na polémica com João Ribeiro, da qual ainda falaremos, diz com certo tom de superioridade que êste trabalho de fonologia, "por esgotada a edição, é fonte onde vão beber a largos haustos alguns professores, que dela extraem as suas lições com probidade muito... equívoca, pois nem citam o nome do autor onde foram buscar a modesta bagagem científica sôbre as equivalências e permutas dos sons, as modificações acidentais, etc., e às vezes... o único latim que sabem."

Mais importante é a sua *Gramáatica Histórica da Língua Portuguêsa* (compendiada para uso dos alunos do 7º ano do Imperial Colégio Pedro II, das escolas normais e de todos os que estudam o idioma nacional), 1878 (e que teria saido, conforme Blake, numa segunda edição em 1883, "com mais um volume que se achava inédito"). O livro tem sete partes. Na primeira se esboça a história da língua portuguêsa, enquanto que a segunda onde se fala, também, de caráter e do gênio da língua portuguêsa, está dedicada ao problema da formação da língua portuguêsa. Elementos históricos é o título da terceira parte. Dos idiotismos, hibridismos, dialetos e das excelências da língua portuguêsa tratam, respectivamente, as últimas quatro partes que, em comparação com as anteriores, são muito breves e sumárias. Na obra, cujo principal mérito consiste na aplicação do método histórico comparativo, revela o autor conhecimentos de Schlegel, Schleicher e M. Müller, mostrando que foi iniciado à filologia (ou: glotologia — têrmo que êle prefere) indoeuropéia. Outro valor da obram que não passa de uma introdução ao livro mais volumoso nunca acabado, consiste na definição dos provincialismos e brasileirismos. Dêstes últimos diz, tornando-se — se não o primeiro, então um dos primeiros filólogos no Brasil que lhes procurou dar uma definição: "Há certas palavras que, conquanto tenham curso no Brasil, são todavia desconhecidas em Portugal. A estas particularidades de linguagem, a estas desviações devidas à ação do clima (o mais poderoso dos elementos do meio), à influência indígena, às novas usanças e modo de vida, é que damos o nome "brasileirismos", cuja feição característica consiste também em dar a palavras conhecidas sentido diverso." Certamente é inaceitável, em parte (e, especialmente, no que tange à influência do clima que se acha aqui superestimado) esta definição, mas não nos esqueçamos que foi proferida há mais de oitenta anos... No mesmo capítulo mos-

tra-se sabedor de uma verdade que às vezes quer ser negada: "... é o povo que representa as forças livres e espontâneas da humanidade." Revela-se nesta obra (bem como, e ianda mais marcadamente, nas polémicas) o caráter irreverente e insumisso do filólogo; diz que trata de ser original, mas "A obscuridade do nosso nome foi causa de aqui nos verberarem a ousadia de aventurarmos as nossas teses —*sem a referenda de um alto ministro responsávet*" (p. 98).

Em 1887 saiu a primeira e em 1894 a segunda edição de um outro livro de Pacheco Jr., esta vez feito em colaboração (com Lameiro de Andrade): *Gramática da língua portuguêsa*. É um extenso compêndio que segundo o plano primitivo dos autores devia ter rompido com a tradição dos gramáticos portuguêses, mas terminou por não se desviar consideravelmente da trilha tradicional para "vir em auxílio da mocidade estudiosa, seguindo o roteiro apresentado pelo govêrno, não obstante nem sempre o nosso parecer coincidiu com a indicação do programa oficial". A segunda edição foi muito ampliada e mais històricamente documentada na parte da Sintaxe que forma aproximadamente um terço do livro. Também nesta obra, "sem pretender revoltar-se contra a autoridade tradicional da língua, antes a defendendo e acatando, declarou-se um dos mais fervorosos adeptos da aspiração que consubstanciara Macedo Soares nas duas linhas que servem ao seu *Dicionário Brasileiros da Língua Portuguesa:* já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não como se escreve em Portugal". (Laudelino Freire, *Anuário,* p. 214).

Como edição póstuma foram publicadas as *Noções de semántica* (1903), o último trabalho do filólogo. É um livro pequeno cuja finalidade é definida no próprio prefácio do autor: "tivemos por escopo na coordenação dêste despretencioso escrito, dar aos mais do que nós competentes na matéria, incentivo para escreverem trabalho mais digno de tão importante assunto lingüístico" (p. 8). O livro, porém, chamou a atenção do público sobretudo pela afirmação que se lê no prefácio, de ter sido escrito antes da publicação do *Essai de sémantique,* de Bréal. Quando veio às mãos do autor brasileiro o famoso livro, "já estava escrito o pequeno trabalho que ora damos à publicadade" (p. 7). Apesar de não termos outras provas do que estas palavras de Pacheco Jr. e não obstante certo tom de fanfarronice que se nota en alguns trechos de suas obras, sendo ela, provàvelmente a compensação de vários complexos que o torturavam, podemos acreditar nestas palavras do simples professor brasileiro, que com esta façanha seria um dos orgulhos da ciência brasileira, tendo demonstrado o notável

avanço dela já naquele período tao distante dos dias de hoje. Mas é pena que Pacheco Jr. não tenha publicado a sua obra tal como a tinha concebido, sem levar em conta os ensinamentos de Bréal; com isso teria corroborado, mais convincentemente, a sua surpreendente afirmação. Infelizmente, o autor tendo adquirido um exemplar da obra de Bréal, modificou as *Noções,* privando-as, assim, do seu aspecto original e independente. "... muito nos aproveitámos do trabalho do mestre, que nos obrigou a modificações não nos conceitos que há muito eram nossos também em sua matéria, mas na compostura, isto é, na ordem do contexto" (prefácio, p. 7).

Além dêsses livros fundamentais é Pacheco Jr. autor ainda de outras publicações que é preciso citar para dar uma idéia completa sôbre a personalidade e atividade do filólogo.

Pacheco Jr. era, na primeira fase da sua vida, professor de inglês do Colégio Pinheiro e, mais tarde, do Imperial Colégio de Pedro II e do Liceu de Artes e Oficios. O ensino do inglês levou-o a adaptar o livro de inglês, de autoria de Graessner: *Novo método fácil e prático para aprender a lingua inglesa,* publicado em 1876 e que, segundo Blake, teve várias reedições. A contribuição de Pacheco Jr. a êste livro, escrito segundo os princípios de F. Ahn, não se limita à simples tradução; o filólogo brasileiro modificou o livro, adaptando-o à língua portuguêsa e aumentando-o com as regras de pronúncia.

Em 1878 saiu a sua dissertação que, como já sabemos, versava sôbre *Ariosto e Tasso,* comparando os dois magnos vultos da literatura italiana. Esta pequena obra foi reproduzida na *Rev. de Língua Port.,* º 33 e no citado supl. de *A. Manhã.*

Dois anos mais tarde foi publicado um opúsculo intitulado *O Colégio Pedro II, seu passado, presente e futuro* e cujo conteúdo já está indicado nas palavras que o encimam. O autor historia a atividade do Colégio no passado e mostra o que deveria ser no futuro.

Pacheco Jr. é ainda autor de vários artigos que nunca foram reunidos em livro. Êle mesmo diz (numa das respostas a João Ribeiro) que colaborou na *Gazeta de Noticias, O Cruzeiro, Rev. Brasileira, Imprensa industrial, A Instrução Pública,* etc. Os artigos publicados nessas revistas versam sôbre problemas lexicológicos, sobre várias questões gramaticais ("glotológicas"), sôbre os nomes próprios portugueses, etc. H. da Silva Lima nos informa, além disso, que Pacheco Jr. fundou, com Vivaldi, a *Gazeta da Tarde,* "primeiro jornal vespertino aparecido nesta capital".

Mas de todas as colaborações as mais famosas sao as suas duas po-

lémicas: com José Barbosa Leão, publicada na *Rev. Brasileira* (T. I, págs. 495 e segs.) e com João Ribeiro (publicada, a partir de 26 de Março de 1887, em *A Semana*).

O assunto da polémica com José Barbosa Leão é a ortografia portuguêsa. Enquanto que J. Barbosa Leão sugere uma reforma "em sentido sónico", Pacheco Jr. mostra as desvantagens da ortografia fonética, acentuando a importância da etimologia.

Muito mais conhecida e importante é a polémica entre Pacheco Jr. e João Ribeiro, travada, como já dissemos, em 1887 nas colunas de *A Semana* e, posteriormente, incluida nos *Estudos filológicos* de João Ribeiro (2ª ed., 1902). A polémica, "uma das mais ruidosas daquela época" (Nelson Costa, *Correio da Manhã,* 15.4.1959), suscitada por algumas afirmações de João Ribeiro nos seus artigos de imprensa, foi levada, primeiro, em tom amistoso, passando, depois, por parte de Pacheco Jr., ao tom de irritação e de ataques. Apesar de afirmar que "esta nossa cavaqueação não nos fará desdar laços de estima, tanto mais que nestas discussões nunca miro ao escopo de cremar os créditos dos meus confrades ou desvalorizar o mérito das produções" (vj. o citado supl. de *A Manhã,* p. 51), Pacheco Jr. não pode conter a sua indignação, sobretudo, quando João Ribeiro disse que "Críticos não escasseiam. Há por aí muito olheiro de obras. O que falta é gente de serviço." João Ribeiro muito bem caracteriza o tom assumido pelo irascível Pacheco afirmando com risonha bonomia: "Pacheco Júnior e escritor e excelente humorista. Ama a discussão, mas nao sem a cambalheta, o murro inglês, a epilepsia e a ginástica congénere. Entra na arena e logo espalha brasas, canta de galo, faz o diabo; mas, afinal, parlamenteia e se entrega. A crítica, que tomada a sério, é uma peça mecanica análoga ao excentrico que só chega na ocasião oportuna, nele é perene de princípio a fim, sem concessões, chistoso combate sem tréguas, de cabo a rabo, tumultuoso e tumultuário. Os elementos de seu espírito não são suscetíveis de catálogo, nem da mesma ordem alfabética. E confuso. Comete simultàneamente a fonologia e a pilheria; cultiva com peregrino afeto a sintaxe e a anedota; e, como a filologia foi sempre cuidado de frades, jamais separa a gramática da *bernardice*. Nao quero com isso diminuí-lo; Pacheco Júniors é um homem ilustrado e engraçadíssimo, mas sacrifica tudo ao riso." O que ele diz, é, segundo João Ribeiro, "um bom exemplo de filologia picaresca". E quando a polémica e com isso a cólera de Pacheco Jr. chegam ao seu auge, dando êste ao moderado João Ribeiro os mais fortes insultos, responde o autor das *Frases feitas* com a sua tranqüilidade

habitnal: "Êstes elementos refazem a psicologia do honem. O ilustre professor não teve a intenção de atirar-me desaforos, mas simplesmente de atirar-me o dicionário... Através da grossa nébula de impropérios, eu bem enxergo as prematuras irrupções do vocabulário ainda inédito..."

A polémica não modificou a boa opinião que tinha João Ribeiro sôbre seu adversário. Já durante o combate de palavras diz êle que "não é pequenina honra a de lutar com Pacheco Júnior, incontestàvelmente uma das maiores autoridades em filologia portuguêsa." E apesar de não aceitar o autoelogio de Pacheco Jr., de ter sido o iniciador dos estudos filológicos no Brasil, atribuindo êste mérito a Carlos Hoffe, continua tendo em grande consideração os argumentos e as obras do seu contendor, admitindo, ao reeditar a polémica nos *Estudos filológicos* que Pacheco Júniors lhe levou em alguns passos vantagem, excedendo-o sempre "no brilhantismo da linguagem".

Mais do que outra coisa, a polémica revelou o temperamento vivo, mas também céptico de Pacheco Jr., figura curiosíssima da ciência brasileira, individualidade original, incompreendida, inteligente, espírito boêmio e tumultuoso, orgulhoso e complexado. Personagem que vale a pena de ser estudada mais do que o tem sido até hoje.

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.

O filólogo baiano nasceu a 12 de setembro de 1839 —nesse ano importante que viu o nascimento também de Machado de Assis, Tavares Bastos, Tobias Bastos, Pedro Luís, Floriano Peixoto e de oustros— em Itaparica, onde fez os primeiros estudos. Filho de um modesto escrivão de órfãos, também êle levou uma vida modesta —a de professor secundário, "durante mais de sessenta anos dedicado à infância e à juventude, educando gerações, plasmando espíritos, criando almas" (Mucio Leão, supl. lit. de *A Manhã,* de 21.1.1945). Matriculou-se na Faculdade dé Medicina em Salvador, onde, em 1864, colou grau, tendo apresentado a tese sobre as *Relações da medicina com as ciências filosóficas* (Como obra o sulfato de quinino nas febres intermitentes. Do centeio espigado e sua aplicação na obstetricia. Teoria da respiração vegetal.) /Outra obra deste gênero que o Prof. Carneiro Ribeiro escreveu se intitula: *Perturbações psíquicas no domínio da historia,* com a qual tentava obter a cadeira de clínica obstetrica e genealógica da Faculdade de Medicina da Bahia./ Naquele tempo já lecionava no Colégio S. João e no Ginásio Baiano. Foi professor de Francês e Inglês, professor de Gramática filosófica, de Lingüística e Gramática Geral e

Comparada e de Latim e ensinava também a História do Brasil, Botânica e Zoologia. Com o cônego Emilio Lobo fundou em 1873 o Colégio Bahia e em 1884 por sua conta o Colégio Carneiro. O seu amor ao ensino chegou ao ponto de êle, uma vez jubilado no magistério oficial, continuar trabalhando no colégio que fundou e manteve, "usque ad mortem" —até o momento da sua morte, no dia 13 de novembro de 1920. "Realmente, não è possível imaginar existência mais desinteressadamente oferecida ao ensino, aos trabalhos de instrução, e da educação, do que a de Carneiro Ribeiro." (Mucio Leão, art. cit.) . Da educação, da qual o próprio Carneiro Ribeiro diz que "é obra dificílima, de paciência, de perseverança, de sagacidade, de amor e de dever."

O primeiro trabalho gramatical de Carneiro Ribeiro é a sua tese de concurso para a vaga de Gramática Filosófica do então Liceu Provincial, hoje Colégio da Bahia. No concurso se inscreveram três candidatos, dos quais dois eram fortes: Carneiro Ribeiro e Guilherme Pereira Rebelo. Os trabalhos dêsses dois candidatos foram aprovados com distinção, *ex-aequo,* ficando decidido escolher o "melhor" pela sorte. Coube a sorte a Carneiro Ribeiro que assim ganhou o concurso, ao qual tinha apresentado a tese sobre a *Origem e filiação da língua portuguêsa,* publicado ainda no mesmo ano.

O seu segundo trabalho gramatical constitui a *Gramática Portuguesa Filosófica,* escrita em 1877 e publicada em 1881. Alguns pontos expostos nesta obra e considerados superados pelo próprio autor foram modificados no seu volumoso livro *Serões gramaticais ou nova gramática portuguêsa,* 1880, depois várias vezes reeditado. Entre a primeira e a segunda edição (1915) desta obra sobreveio a famosa polémica, suscitada pela redação do projeto do Código Civil e em que Carneiro Ribeiro se defrontou com Rui Barbosa, além de Castro Alves, seu mais ilustre aluno. Mas antes dela foi editada ainda outra obra do gramática baiano: *Elementos de gramática portuguêsa,* 1885.

O nome de Carneiro Ribeiro veio à baila novamente, tornando-se conhecido no país inteiro, em 1902, quando, a pedido do seu antigo aluno Dr. José Joaquim Seabra, então Presidente da Comissão Especial do Código Civil na Câmara dos Deputados, fêz a revisão do Projeto do Código Civil.

O projeto foi um empreendimento de muita importância para o Brasil. Até então, o país regia-se pelas ordenações do Reino que depois do Código de Napoleão ficaram quase completamente superadas. Portugal criou seu código civil em 1867. O Brasil, apesar de ser um país novo, ficou até ao século xx sem um código civil, nao obstante as

tentativas do senador Nabuco de Araújo (pai de Joaquim Nabuco), do grande jurisconsulto Teixeira de Freitas, do Dr. Felísio dos Santos e do senador Coelho Rodrigues. Projetos não faltaram, mas várias circunstâncias fizeram com que nenhum dêsses projetos fosse avante. Finalmente no Govêrno Campos Salles, o Ministro da Justiça Dr. Epifácio Pessoa entendeu acabar com esta situação anómala e convidou o Prof. Clóvis Bevilacqua, da Faculdade de Direito de Recife, para elaborar um projeto que fosse apresentado ao Congresso Nacional. O projeto foi remitido à Câmara dos Deputados que, depois de um parecer dos representantes de todos os Estados da Federação e do Distrito Federal, aprovou o projeto com ligeiras modificaçoes. Em seguida, o projeto subiu ao Senado. Foi aí que Rui Barbosa, na sua qualidade do Presidente e Relator da Comissão do Código Civil, impugnou a redação, alegando que, primeiro que tudo, devia se analisar a língua em que o Projeto foi apresentado. No seu *Parecer sobre a Redação do Projeto da Câmara dos Deputados,* divulgado no *Diário do Congresso* de 27 de Julho 1902 apresentou críticas a várias personalidades que colaboraram no *Projeto.* O *Parecer* provocou a defesa destas personalidades. Uma delas foi Ernesto Carneiro Ribeiro.

Realmente, Rui Barbosa, na sua crítica da revisao, tinha razão, censurando algumas incoerências encontradas na redação do *Projeto,* depois de ter êle sido revisto pelo autor dos *Serões gramaticais.* Mas é preciso levar em conta o escasso tempo de quatro dias e algumas horas que Carneiro Ribeiro tinha à sua disposição para, instado pelo Dr. Seabra, rever cêrca de dois mil artigos, cheios de divisões e subdivisões. Fêz o que, nessas circuntâncias, pode para, emendar o projeto. Rui Barbosa achou, porém, as emendas insuficientes, apresentando múltiplas sugestões. Das emendas do senador, às vezes àsperas e que deviam ter ferido profundamente o modesto professor baiano, umas eram justas; outras, injustas e infundadas; algumas, erradas, como disse Carneiro Ribeiro na sua defesa, intitulada *Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Rui Barbosa feitas a redação do Projeto do Código Civil,* pela primeira vez publicadas a 26 de Outubro de 1902 no *Diário do Congresso.*

Não se contentando com os argumentos expostos nesta última obra do seu contendor, apresentou Rui Barbosa em 1903 a sua *Réplica às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados,* divulgada, por primeira vez, no *Diário do Congresso* em 10 de outubro dêsse ano.

E respondendo, por sua vez, a esta obra, publicou Carneiro Ribeiro em 1905 o fruto de 14 meses de trabalho: uma obra de 900 páginas

intitulada: *A Redação do Projeto do Código Civil e a "Réplica" do Dr. Rui Barbosa* e conhecida também como *Tréplica*. Esta obra ficou já sem resposta do ilustre senador.

Dezenas de anos que transcorreram depois dessa polémica, permitem-nos apreciá-la friamente e com tôda objetividade.

Do ponto de vista humano, não é difícil de ver a diferença no estilo de ambos os contendores, o tranquilo e equilibrado Carneiro Ribeiro e o virulento Rui, que se recorreu freqüentemente —como se queixa o sensível autor dos *Serões Gramaticais* (cf. Artur Neiva, *Estudo da Língua Nacional,* 1940) ao "azedume", à "linguagem ferina e iscada de rudeza", ao "escarninho", ao "remoque, desassombradamente mordaz, picante e ofensivo dos que discutem, abandonando o campo calmo e sereno em que se deviam sempre manter os que esgrimam, não por amor aos fumos da vaidade, que perturbam e cegam os ánimos, senão por amor à verdade".

Jurídicamente, a polémica não trouxe proveito, pelo contrario, atrasou a promulgação do *Código Civil* por vários anos (até 1916).

Quanto ao seu valor para a lingüística, a polémica teve o mérito de suscita o interêsse pelos problemas da língua, como salienta Homero Pires na sua biografia de Carneiro Ribeiro *(O Prof. Carneiro Ribeiro. A Época, o Homen e a Obra,* 1921, p. 45) e Mário Barreto nos *Novos estudos da língua portuguesa,* 2ª ed., 1921, p. 533. Além disso, a polémica —como bem lembra J. Mattoso Camara Jr. —criou o estilo jurídico; antes dela pensava-se que o cuidado estilístico só é indispensável em obras de ficção. A polémica, porém, demonstrou que o bom estilo duma obra, como é o *Código Civil,* serve para evitar dubiedade da interpretação das leis.

Mas não se pode superestimar o valor do "prélio de gigantes" (Homero Pires, p. 44) ao ponto de repetir a afirmação de Cândido de Figueiredo de que a *Réplica* "é, na literatura brasileira e talvez da portguêsa", o mais respeitável e perdurável documento da ciência da linguagem (*Dicionário da Língua Portuguêsa,* I, pág. IV, da 4ª ed.) A polémica, como bem lembra na sua minuciosa análise Artur de Almeida Torres *(Comentários à Polémica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro,* São Paulo, 1959, p. 11), não passou "do terreno da gramática normativa". Rui Barbosa mesmo não se considerava filólogo, como êle mesmo confessou num discurso citado por Almeida Torres (ob. cit., p. 11), e Carneiro Ribeiro, certamente mais entendido nos problemas da gramática do que seu adversário, também não entrou no campo pròpriamente filológico.

Apesar disso, não parecem justas as palavras de desprêzo, proferidas por José Veríssimo (vj. Homero Pires, ob. cit., págs. 45-46) a respeito da polémica que êle considera "talvez o mais copioso repertório sôbre as questões e até questiúnculas que dividem os gramáticos da língua", duvidando inclusive "da ciência filológica dos dois adversários". Quanto a Carneiro Ribeiro, não se pode põr em dúvida o seu preparo gramatical, apesar de êle se basear tanto nos clássicos que constituem o apoio dos seus argumentos e não obstante êle carecer de uma visao filológica mais ampla. A Polémica, sem dúvida, tem o seu notável lugar na história da filologia brasileira, não se lhe devendo, porém, dar mais importância do que ela tinha no tempo em que foi travada.

Além das obras já citadas e os trabalhos ligados à polémica, Carneiro Ribeiro é autor ainda de um livro sobre *O Pe. Antônio Vieira como clássico,* 1897, de uma outra, intitulada *Da Crase em português,* que deverria servir de prefácio a uma obra de Galdino Moreira, mas até há pouco tempo ficou inédito, e das *Páginas de língua e de educação,* publicadas no ano comemorativo do centenário do nascimento de Carneiro Ribeiro (1939), ano em que a memoria do filólogo foi lembrada também num ato solene promovido pelo Colégio Pedro II no Rio de Janeiro.

Embora a doutrina exposta nas obras de Carneiro Ribeiro, "um dos tipos mais singulares, mais simpáticos e mais fecundos da sociedade intelectual brasileira" (João Ribeiro, *Imparcial,* 22.11.1920), seja, em grande parte superada, conservam os seus livros o valor documentário. São obras clássicas, inclusive graças ao estilo em que foram redigidas. O discípulo de Carneiro Ribeiro, Clementino Fraga, comparando a linguagem do seu mestre com a de João Ribeiro, repete a observação de José Veríssimo, segundo a qual João Ribeiro, até fazendo gramática, conseguiu escrever com beleza e elegância. E continua assim o academico: "A linguagem de Carneiro Ribeiro tem o segrêdo de outros requisitos; menos leve e mais ciosa dos modelos clássicos; menos elegante e mais olímpica; mas severa na tessitura da frase; mais fiel às fontes lusitanas puras; mais tersa e ebeberada nas raízes profundas do idioma; mas a jeito de suas formas orgânicas e constitucionais." (*Revista da ABL,* a. 38, vol. 58, p. 118).

Até hoje não têm perdido o seu valor as palavras proferidas em 1939 na Academia Brasileira de Letras pelo então Presidente da Instituição, Antônio Austregésilo: "Grande gramático, robusto connecedor dos fatos idiomáticos, lido e corrido em matéria de clássicos,

Carneiro Ribeiro, durante a sua longa e luminosa existencia deixou no meio cultural do Brasil traço inconfundível." *(Revista da ABI.,* vol. cit., p. 104).

JÚLIO RIBEIRO.

Transcorreram oitenta anos desde a publicação da *Gramática portuguesa,* de Júlio Ribeiro. Foi justamente no ano de 1881 que o irrequieto mineiro deu a luz esta sua obra, marcando com ela o início de um novo período da filologia no Brasil —o período, denominado por Antenor Nascentes, nos seus *Estudos filológicos* (1939) de "gramatical" e que vem desde aquela data até ao ano de 1939, distinguido-se por uma abundância de gramáticas que naquele lapso de tempo foram elaboradas e editadas. Depois de um período embrionário (até 1835) e empírico (1835-1881) começa-se com a *Gramática portuguesa* um período interessante da filologia brasileira— período que lançou as bases indispensáveis para o seu desenvolvimento posterior que se está verificando atualmente.

O gramático é apenas uma das facetas da personalidade de Júlio Ribeiro (1845-1890), conhecido entre o grande público por seu romance *A Carne* e registrado nas letras do Brasil também como um intrépido jornalista e polemista que, por causa dêsse seu romance (um de dois que escreveu e, sem sombra de dúvida, o mais importante) travou um veemente diálogo com o Padre Sena Freitas.

Os 45 anos que viveu o único filho de um americano (empresário de um circo de cavalinhos, que logo deixou a família) e de uma modesta professora primária em Sabará foram já várias vezes descritos, o mais brilhantemente por Manuel Bandeira, ocupante, na Academia Brasileira de Letras, da cadeira, cujo patrono é Júlio Ribeiro. Conta-nos o poeta e outros seus biógrafos (Carlos Pimenta e, especialmente, Otoniel Mota) a vida ardua, impetuosa e andeja que levou o jornalista e professor, sustentando com dificuldade a sua família, lutando contra a miséria e incompreensão, colaborando em inúmeros jornais paulistas e mineiros e fundando alguns em diferentes lugares pelos quais passou. Contam-nos também da sua evolução de católico para presbiteriano e de presbiteriano ativo para ateu. E contam-nos da sua doença que em 1890 encerrou a sua vida nómade, privando a literatura, a filologia e o jornalismo no Brasil de um dos seus representantes curiosos e sempre dignos de estudo.

A *Gramática portuguesa* não é a única obra filológica de Júlio

Ribeiro, mas a única que vive até hoje, sendo lembrada como um livro que marcou época. Júlio Ribeiro é também autor da *Questão gramatical* (1887) e dos *Traços Gerais de Lingüística.* A primeira dessas obras é fruto de uma polémica que Júlio Ribeiro manteve com o professor catedrático de Português na Academia de São Paulo Augusto Freire da Silva, o qual —como autor de uma gramática portuguesa— se sentia ofendido por um dos quatro artigos que Júlio Ribeiro publicou, em 1879, no *Diário de Campinas,* afirmando que, com honrosas excepções, as gramáticas de português que se publicam, são repetiçao daquilo que foi já dito no passado. Freire da Silva —como relata Manuel Bandeira numa conferência em 1945, por ocasião do centenário do nascimento de Júlio Ribeiro— veio para a imprensa, respondendo ao professor de Campinas e estimulando-o, assim, a que êle voltasse à carga, pulverizando os argumentos do seu contendor pelo seu tom escarninho e veemente.

A segunda das obras de Julio Ribeiro, publicada em 1880, os *Traços Gerais de Lingüística,* não é uma obra volumosa, como o título poderia sugerir, mas também um pequeno opúsculo como o trabalho anterior. Mas apesar de hoje ultrapassados pelo tempo, têm os *Traços Gerais de Lingüística* um valor objetivamente mais positivo, sendo uma dessas obras em que a influência da doutrina de Darwin e de Comte deixou os seus vestígios claros e inegáveis, levando ao autor a apresentar a evolução das línguas "como verdadeiros organismos sociológicos, sujeitos à grande lei da luta pela vida, à lei da seleção" (Manuel Bandeira).

A produção filológica de Júlio Ribeiro, porém não se restringe à *Gramática* e a êstes dois pequenos volumes de cunho lingüístico. Além deles, é Júlio Ribeiro autor de uma gramática de latim, publicada em 1895, cinco anos depois da morte do escritor, com a introdução de Amador Bueno de Amaral e o título de *Nova Gramática Latina.* Fora disso figura entre a bagagem filológica do grande mineiro o *Holmes Brasileiro ou Gramática de peericia* (1887) —tradução que Júlio Ribeiro fez da *Introduction to English Grammar,* de G. F. Holmes.

No entanto tôdas estas obras ficam na sombra da sua "gramática revolucionária" (Artur Azevedo, no *Correio do Povo,* de Pôrto Alegre, de 3.11.1890), com a qual Júlio Ribeiro se tornou o iniciador de uma nova era de estudos gramaticais e filológicos no Brasil. Em que consistia a novidade desse livro —novidade que levou ao autor a servir-se, para epígrafe da obra, de uma frase de Duarte Nunes de Leão:

"Tentei ensinar aos meus naturais o que de outrem não pude aprender?"

Esse caráter inovador está explicado numa outra epígrafe do livro, extraída de Littré e que diz que "Pour les langues, la méthode essentielle, est dans la comparaison et la filiation". Foi no método comparativo que o autor adotou, e no largo aproveitamento e conhecimento dos filólogos do passado e os contemporâneos, como foram Diez, Littré, Bréal, Adolfo Coelho, etc., que reside a contribuição principal e magistral de Júlio Ribeiro. Por êsse seu aspecto mereceu o livro os elogios de um dos mais notáveis Mestres que na época atuavam na Europa, o alemão Karl von Reinhardtstoettner, e os de Rui Barbosa, que se serve da obra para apoiar seus argumentos na famosa *Réplica*. Foi também este método completamente novo no Brasil que granjeou ao autor renome em Portugal, sendo a *Gramática* altamente apreciada, por exemplo, por Teófilo Braga.

O plano de escrever a *Gramática ocorreu-lhe* —como nos relata Manuel Bandeira, referindo-se às declarações do próprio Júlio Ribeiro no seu livro de polémicas *Cartas sertanejas*— lendo um trecho de Garret, o qual se queixou da falta de uma gramática portuguêsa e deu uma sugestão aos mestres de Portugal que êles, inspirando-se em modêlos de gramáticas existentes noutros países, escrevessem uma referente à língua portuguesa. Depois de ter conhecido a idéia de Garret, Júlio Ribeiro nunca deixou de cogitar na sua concretização, pensando em aplicar à língua portuguêsa uma das gramáticas existentes de inglês, primeiro a de Lindley Murray (sugerida, aliás, como modelo pelo próprio Garret) e, mais tarde, por uma mais moderna, de Holmes. Já nos *Traços Gerais de Lingüística* anuncia o então professor e jornalista de Campinas que está no prelo a sua *Gramática Analítica da Língua Portuguêsa* que, realmente, um ano depois, saiu com o título simplificado, com o qual a conhecemos hoje.

Se as polémicas e *A Carne* (ou *A Carniça,* como passou a ser chamado o romance pelos adversários) suscitaram tanto críticas elogiosas como censuras implacáveis, a *Gramática* conquistou para Júlio Ribeiro admiração de todos os que leram a obra. A nova orientação do livro, inspirada nas obras filológicas que o autor leu e, em parte, como o primeiro no Brasil citou nas notas de pé de página do manual, contribuiram consideràvelmente para consolidar o prestígio de Júlio Ribeiro. Homero Pires, no seu opúsculo *O. Prof. Carneiro Ribeiro (A Época, o Homem e a Obra),* Bahia, 1921, p. 21, emite a seguinte apreciação sôbre Júlio Ribeiro: "Pôs fecho o iluminado filólogo às

abstrações, às dissertações, da metafísica, e se abraçou a Whitney, para ensinar a gramática como o refletor dos dados da linguagem. Divulgou as doutrina, as classificações, os processos de Becker, Mason, Bain. Aceitou as corrigendas de Karl von Reinhardtstoettner e de Alexandre Humel. Registou o que devia a Paulino de Sousa e a Teófilo Braga. E, quanto a Adolfo Coelho, inqueriu: "Quem poderá escrever, hoje, em filologia portuguêsa, sem tomá-lo por guia, sem se ver forçado a copiá-lo a cada passo?" ... Era, afinal, o introdutor, entre nós, da lição de português, do espanhol, do francês, do provencal, do italiano."

A fama de uma grande autoridade da língua portuguêsa, que Júlio Ribeiro alcançõu com êste livro, permanece indiscutìvelmente até a atualidade, apesar de serem, nos dias de hoje, antiquadas várias afirmações que o Autor nos dá sobre fatos gramaticais da língua. Enquanto que as antigas gramáticas de português —como a próprio Autor revela— eram mais "dissertações de metafísica do que exposições dos usos da língua", a sua obra se norteia pelo que havia de mais novo, em seu tempo, na Europa, assimilando as novas doutrinas dos filósofos alemães, inglêses, francêses e americanos e, com isso —como disse Maximino Maciel— "evertendo os alicerces da rotina". Devido a Júlio Ribeiro a filologia no Brasil, onde naquele tempo imperava Soares Barbosa e as regras autoritárias da sua *Gramática filosófica,* deixou de ser —para usarmos uma feliz comparação do Otoniel Mota— "um leito de Procusto em que a língua era torturada". Foi um ato de pioneirismo, da parte de Júlio Ribeiro, ter êle concebido a gramática não como um "conjunto de regras a que os fatos da linguagem deviam submeter-se" (Otoniel Mota), senão, pelo contrário, o "celeiro / ... / de colheita de fatos". A gramática —devido ao espírito moderno de Júlio Ribeiro— deixou de ditar regras ao uso da língua, passando a ocupar a função que lhe compete —a do registro dos fatos da língua, dependente do uso e orientação e enriquecido por êle.

EDUARDO CARLOS PEREIRA.

Haverá quem diga, e com certa justiça que não há lugar para Eduardo Carlos Pereira num estudo sôbre os filólogos brasileiros. Realmente, era mais gramático do que filólogo, mas as suas obras, no seu tempo, eran tão conhecidas que abrimos uma exceção para apresentarmos a figura do seu autor.

Nasceu, como Júlio Ribeiro, em Minas, na cidade de Caldas, a 8 de Novembro de 1855. Estudou em Araraquara e em Campinas, no

Colégio Ipiranga, passando a ser, mais tarde, membro do corpo docente dêste e de outros estabelecimentos de ensino como professor de latim e de português. Desde seus 19 anos fazia parte da Igreja Presbiteriana. A simpatia ao culto presbiteriano chegou ao ponto de êle se matribular na Faculdade de Teologia, licenciando-se em 1880. Depois desta data desempenhou a atividade assídua de pregador em vários lugares do interior e de São Paulo. "Como pregador, era dotado da qualidade de impressionar os grandes auditórios. Sabia arrebatar, convencer, comover. Pregava em português castiço, mas com simplicidade. Era incisivo na exposição, lógico nos argumentos e eloqüente no todo da prédica." (Dorival Soares Ramos, *Jornal de Filologia,* a. II, vol. II, facs. 3, p. 283).

Além das obras gramaticais E. C. Pereira publicou uma série de folhetos, em que —tão bem como nas suas pregações— p. ex., apoiava a campanha abolicionista, atacava a maçonaria ou tratava de varios problemas religiosos. Colaborava também em vários jornais, publicando neles artigos sôbre êsses temas.

Muito conhecido dos alunos e do público tornou-se com as suas gramáticas: em 1907 publicou a *Gramática Expositiva* para o curso elementar e a *Gramática Expositiva* para o curso superior e, nove anos depois, a *Gramática Histórica.* Todos os tres livros foram, mais tarde, várias vezes reeditados. À *Gramática Expositiva* está ligado o opúsculo *Questões de Filologia* (1907), que veio em defesa da obra contra os seus críticos. Publicou, também, em 1907, uma *Crestomatia Histórica.*

Segundo Hildebrando Siqueira, *Revista Filológica,* a. II, abril de 1941, Nº 5, pág. 8, foi Eduardo Carlos Pereira um dos metodizadores do ensino da língua portuguêsa, como, aliás, se manifestou através das suas obras didáticas.

Apesar de acentuar, nas *Questões de filologia,* p. 23, a importância da "linguagem do povo, onde a língua revela mais amplamente o seu gênio e fôrça evolutiva", o curso elementar da sua *Gramática Expositiva,* destinada para o 1º ano dos ginásios e o seu curso superior, para o 2º e 3º ano do curso ginasial e para a escola normal, está baseado, quanto à sua exemplificação, em clássicos da língua (sobretudo em Herculano e Castilho) que o autor mesmo abonou ou que extraiu dos livros que escreveram durante a sua polémica Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro. Segundo o Prof. Silveira Bueno, *Fôlha da Manha,* 24.—25.1.1954, "o trabalho de Eduardo Carlos Pereira marcou época definitiva nos estudos normativos da língua, tanto aqui como em Portugal. A documentação era excelente, excelente o método ex-

positivo, quase uma obra-prima. Inaugurava terminologia científica, baseava-se em autores seguros, de tal modo, que raro seria o ponto em que os mais acirrados inimigos poderiam encontrar deficiência."

A sua *Gramática histórica* aproveita os estudos dos mais notáveis cultores da Língua Portuguêsa, bem como os de Diez, Meyer-Lübke e Brugmann. Uma novidade que o professor brasileiro apresenta, por exemplo em comparação com a então conhecida gramática histórica de Ribeiro Vasconcelos, é que trata também da sintaxe, como acentua numa carta, dirigida a Eduardo Carlos Pereira, Mário Barreto (cf. *Revista filológica,* art. cit.) que, com exagero, compara esta obra às de Clédat, de Brunot e até a de Menéndez Pidal (!).

Apesar de estarem, hoje em dia, as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira, em grande parte da doutrina que apresentam, superadas e desatualizadas, sendo substituidas por livros modernos, não se lhes pode negar o importante papel, que, devido à larga aceitação da qual gozavam nas escolas, desempenharam no seu tempo. Deles aprendiam a gramática da sua língua pátria milhares de alunos de português, gravando-se-lhes na memória o nome do seu esforçado autor.

O gramático faleceu a 2 de Março de 1923.

FILIPE FRANCO DE SÁ.

Em 1911 foi encarregado Fram Paxeco, sogro do conhecido filólogo português J. P. Machado, pelo Governo do Maranhão, de organizar, copiar e rever a obra *A Língua Portuguêsa (dificuldades e dúvidas),* de Franco de Sá.

O autor do manuscrito nasceu a 2 de junho de 1841, no Rio de Janeiro. Era filho do senador Joaquim Franco de Sá. Estudou numa escola primária em S. Luís e fez um curso colegial no Rio. Matriculou-se, em 1858, na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se aí, em 1864. Estudou também na Faculdade de São Paulo e na Sorbonne. Concluídos os estudos regressou ao Maranhão, onde foi nomeado promotor da capital e redator do *Publicador Maranhense* —cargos êsses que desempenhou com dignidade. Depois do advento ao poder do Partido Conservador, Franco de Sá que, como seu pai, pertenceu ao Partido Liberal, se demitiu dos cargos e montou um escritório de advocacia. Ao mesmo tempo redigiu o *Liberal,* que lhe granjeou uma posição destacada entre seus partidários. Mais tarde foi eleito deputado e, depois, várias vezes reeleito. Em 1882 foi nomeado ministro dos Assuntos Exteriores, ocupando, mais tarde, a pasta da guerra. Naquele tempo foi já senador. Há ainda outros cargos que êle des-

empenhou, p. ex., o do ministro do Império, lider do Partido Liberal na Câmara Alta, etc. No Govêrno Ouro Preto foi elevado a membro do conselho de estado. Em todos estes cargos prestou relevantes serviços à pátria. Também na pasta do interior, que dirigiu mais tarde, deixou assinalados vestígios da sua atividade. Depois de proclamada a República, retzirou-se inteiramente da vida pública, voltando, para algum tempo, à atividade de advogado. Mais tarde, porém, recolheu-se a uma fazenda no Estado do Rio. Lá, dedicando-se aos trabalhos agrícolas a aos estudos, faleceu a 8 de março de 1906.

Para o antigo político da monarquia os estudos eram um consolo dos revezes políticos. O princiáal fruto das suas pesquisas realizadas na quietude da fazenda (e o único fruto que saiu a luz) é a *Língua portuguêsa (Dificuldades e dúvidas)* que representa "a maior contribuição que até hoje tenhamos feito em matéria de ortofonia" (Antenor Nascentes, *Estudos filológicos,* p. 39).

O livro é incompleto. O autor pensava publicar a obra em íntegra, mas tendo medo da morte, resolveu editar pelo menos uma parte, a primeira.

Esta primeira parte trata da ortofonia, isto é da pronuncia correta (no grego: Ortoepéia) procurando, establecer os fundamentos de uma pronúncia-padrão, e versa sôbre os sons e ditongos, os tritongos, a sinerese e dierese, o ditongo móvel, *oi* e *ou,* ditongos nasais, acentos, aspiração e quantidade, acento tónico, acento secundário, timbre das vogai , *e, i,* letras acrescentadas ou suprimidas, letras mudas, consoantes suavizadas, dialetos em Portugal e dialetos no Brasil.

Em matéria de filologia, o antigo político é autor apenas dêste livro. Mas devido a êste livro, pertenece aos maiores filólogos brasileiros. Como diz Antenor Nascentes (ob. cit., p. 39), "Franco de Sá portou-se como um verdadeiro técnico".

João Ribeiro.

Aos mais notáveis filólogos brasileiros do passado pertence João Ribeiro (24 de junho de 1860 — 13 de abril de 1934). A sua obra filológica não é extensa, sendo o filólogo João Ribeiro apenas uma das múltiplas facetas do espírito universal e enciclopédico dessa admirável figura que constitui um dos maiores orgulhos da cultura brasileira. Mas o filólogo está presente em tôdas as obras de João Ribeiro. O filólogo, o estudioso da língua, o estilista que —segundo Aires da Mata Machado (*Escrever certo,* I, 47) é "elegante e sóbrio, um dos melhores de nossos prosadores".

A figura do grande sergipano —escritor, poeta, jornalista, crítico, historiador, tradutor e pintor— tem sido focalizada já mais de uma vez, por exemplo na própria Academia Brasileira de Letras, onde João Ribeiro, desde 1898, ocupou a cadeira º 31, patrocinada por Pedro Luiz e fundada por Luiz Guimarães Júnior, sendo o primeiro académico eleito pela Instituição (vj. *Revista da Academia Brasileira de Letras,* a. 25, 1934, º 149, vol. 45) ou no *Anuário do Colégio Pedro* II (IX, 1935-36, págs. 251-257), um dos estabelecimentos de ensino onde esse professor muitos anos lecionou*. O que aqui pretendemos fazer ée apenas lembrar a sua importância como filólogo.

No prefácio à 2ª ed. das *Frases Feitas* acentua Joaquim Ribeiro a erudição de João Ribeiro, os seus conhecimentos de línguas, a sua vasta cultura e —o que é de essencial importância— a sua capacidade de renovar-se. Este fato explica o seu rompimento com o neo-gramaticismo que influenciou as suas primeiras obras, e a sua adoção da "concepção culturalista" da linguagem. Foi graças a João Ribeiro que surgiu no Brasil a primeira reação contra a escola dos neo-gramáticos e foi êle o primeiro que, abandonando a aplicação cega do método das ciencias naturais no método filológico e trazendo o estudo da língua para o âmbito histórico-cultural, divulgou os ensinamentos de vários filólogos, entre êles Vossler e Spitzer. A evolução do seu espírito levou a João Ribeiro a uma completa incompatibilidade com o neo-gramaticismo, incitando-o inclusive a uma feroz e nem sempre justa polémica com o magno representante desta escola em Portugal, J. Leite de Vasconcelos (cf. *Revista da Academia Brasileira de Letras,* III, abril de 1912, sep. 28 págs. e prefácio à 2ª ed. das *Frases Feitas,* 1960) —polémica que contradizia a equanimidade, compreensão humana e modestia de João Ribeiro e tão profundamente se diferenciava do seu diálogo risinho e paternal, mas de menos substância, com Pacheco Jr.

Segundo a bibliografia de Osvaldo Oliveira, publicada na *Revista da Língua Portuguêsa,* 3· série, Jan. de 1935, Nº 1, págs. 103-106, constituem a produção filológica de João Ribeiro as seguintes obras: *Estudos filológicos* (1884), *Morfologia e colocação dos pronomes*

* Sobre João Ribeiro professor dá o seu depoimento Manuel Bandeira na rev. *Alfa-Omega,* a. II, num. 4, Dez. de 1944. Diz do seu Mestre: "Não fazia preleções: passava a lição e no dia seguinte chamava um de nós e mandava cantar a lição: as suas explanações só eram ouvidas pelo aluno que estava em pé, junto da mesa. O que havia de bom nas aulas de João Ribeiro era o que êle conversava antes e depois delas, atendendo às nossas consultas sôbre matéria literária."

(1886), a *Gramática Portuguêsa* para o 1º ano (1886), para o curso médio (1887) e superior (1887), *Exercícios de gramática elementar* (1887), *Exames de português* (1887), *Dicionário gramatical* (1889), *Autores contemporâneos* (1894), *Selecta clássica* (1905), *Frases Feitas* (1908, 2ª e última série, 1929), *A Língua Nacional* (1921), *Curiosidades verbais* (1927), somando-se a elas, ainda, a refundição e o melhoramento que João Ribeiro fêz do *Novo dicionário enciclopédico ilustrado da língua portuguêsa,* organizado primitivamente por Simões da Fonseca (1926).

Mais do que pela *Morfologia e colocação dos pronomes,* o seu trabalho para um concurso de Português no Colégio Pedro II, tornou-se familiar do público pelas suas três gramáticas, "planos diferentes da mesma obra" (Mucio Leão, no prefácio ao vol. 50 dos "Nossos clássicos", da Ed. Agir) —livros de grandes repercussão. En 1941 a *Gramática* do 1º ano achava-se em sua 97ª ed., a do 2º ano na 39ª e a do 3º ano (superior) na 21ª ed. São obras bem escritas; José Veríssimo notou que, até fazendo gramática, João Ribeiro conseguia escrever com beleza e elegância. No parecer de Mário Cassassanta (*Notas de Raul Soares à Gramática de João Ribeiro,* B. Horizonte, 1941, p. 15), "a gramática de João Ribeiro é ótima para os professores porque tem quase tudo e em forma lapidar. O estudioso, ao acicate das provas de um concurso, é forçado a estudá-la e, portanto, a conhecê-la. Corre-lhe os meandros, investiga-lhes os recantos. E conhecê-la é estimá-la, sem embargo de seus defeitos." Apesar de não ser uma gramática histórica, "tema mais de ensino universitário, que não temos" (como o próprio Autor diz na sua Advertência), está baseada no método histórico-comparativo, aproveitando-se dos ensinamentos dos filólogos estrangeiros, p. ex., alemães. Também a terminologia gramatical estrangeira (a alemã e outra) é citada, às vezes, para clarar certos fenômenos da gramática portuguêsa (p. ex., a referência ao *Umlaut* ajuda a esclarecer a "modificação interna dos sons do vocábulo"). Já nesta obra João Ribeiro tem as suas dúvidas quanto ao valor absoluto de um dos pilares do neo-gramaticismo —das leis fonéticas: "O progresso dos estudos filológicos aconselha substituir a *noção de leis* para evitar-se o êrro de lhes atribuir o caráter *imperativo* e *sem exceção,* como o fizeram ainda há pouco tempo os neo-gramáticos." Há ainda um traço, característico, aliás, não sò para esta obra de João Ribeiro, mas que nela mais chama a atenção porque se trata de uma gramática. É a flexibilidade dos seus juízos, a sua falta de pedantismo. Falando nisso, diz Barbosa Lima Sobrinho (*Revista da Academia Brasileira de Le-*

tras, a. 25, 1934, º 149, vol. 45, p. 68) que "nenhum livro de João Ribeiro excede a significação de sua gramática, como documento da excepcional largueza de seu espírito, que sabia ser dúctil e sereno nesse domínio, que está habituado a hospedar a violência do sectarismo e as fúrias da intolerância." Nessas tres gramáticas e, sobretudo, no curso superior que é a mais completa, bem como, aliás, em outras obras revela-se o espírito renovador de João Ribeiro. A sua aversão ao exagêro que sempre se notava na apresentação do problema da colocação dos pronomes e no papel dado à análise lógica, a sua simpatia para com a linguagem popular, etc., são marcas inconfundíveis que imprimiu a essas obras o espírito de João Ribeiro.

Outra obra filológica importante de João Ribeiro é seu *Dicionário gramatical,* embora hoje já, em grande parte, ultrapassado pela rápida evolução da ciência da língua e substituido por uma obra moderna do mesmo gênero, o *Dicionário dos fatos gramaticais,* de J. Mattoso Camara Jr. Mas evidentemente, no seu tempo, a obra cumpriu plenamente a principal missão —a de reunir num só volume o essencial que exigiam os programas de ensino em matéria do estudo da lingüística e, especialmente, da língua portuguêsa no Brasil.

Nos *Autores contemporáneos* —antologia dos escritores brasileiros e portuguêses do século XIX— mais do que a propria seleção e notas (onde superabundam observações de cunho ortográfico), vive pela introdução de Karl Reinhardtstoettner, "Da língua portuguêsa em relação às línguas romanas congêneres", que João Ribeiro apresentou aos seus elitores, tendo reconhecido, com a sua fina sensibilidade filológica, os valores deste estudo do Mestre alemão.

Mais interessante e rica em valioso comentário é a *Selecta clássica,* que reune trechos dos escritores dos séculos XI a XVI, completando as doutrinas expostas no curso superior da *Gramática.* Numa das notas do livro (p. XXXIX, n. 27) o próprio autor define a sua finalidade que é a de "expor aos olhos do estudante da linguagem clássica tôda a atividade e o inumerável esfôrço que precedeu a língua culta dos quinhentistas". As observações de João Ribeiro sôbre problemas de gramática, de estilo, de formas tìpicamente brasileiras, etc., priman pela clareza, simplicidade e bom gôsto, conseguindo despertar um real interêsse dos leitores pela obra do autor do trecho escolhido e enquanrando cada fenômeno na ampla visão da linguagem como entidade viva e em constante desenvolvimento. A erudição que se nota nas explicações fáceis de compreender, levou a um filólogo a dizer que êste livro "custa crer tenha sido feito, como o foi, por um autor sin-

gular, trabalho que parece de um grupo de doutos de apurado gôsto literário, de esforçados conhecedores da língua, de sua evolução, de seus monumentos". (Pedro A. Pinto, *Revista Filológica*, a. II, Nº 12, Nov. de 1941).

Outro livro que até hoje não tem perdido a sua curiosidade, é o "estudo conjetural de locuções, ditados e provérbios", intitulado *Frases Feitas,* obra que Oscar Pratt nas observações que lhe fêz (*Frases Feitas. Breves considerações ao livro do Snr. João Ribeiro*, Lisboa, 1910, 21 págs.) define como "um trabalho útil, de muita investigação, firmado em sólidas bases e de cuja metódica e bem conduzida dedução em geral se colhem proveitosos ensinamentos e elementos valiosos de observação que são outros tantos pontos de partida para novos estudos e inve tigações" (p. I). Exagera evidentemente o autor dêsse folheto, chamando gentilmente a obra do "ilustre académico brasiliense" de metódica. Pelo contrário, o livro dá impressao de caótico (e êsse é o caso, embora em escala menor, também da *Gramática*). São realmente apenas anotações, mal coordenadas, embriões de extensos estudos*. Mas quanta sabedoria pôs João Ribeiro neste seu interessante livro! Que cultura e quantas leituras se revelam através dêste livro que segue já fielmente a corrente filológica que ao estudo da língua une a de história e do folclore! Neste livro, como diz Joaquim Ribeiro no prefácio à 2ª ed. (1960, p. 23), "a fraseologia vernácula, em tôda a sua vasta extensão, era aplicada à luz do método histórico-comparativo e dos novos processos de pesquisa filológica. Ao lado de um profundo conhecimento dos textos antigos do idioma, patenteia-se, com máxima nitidez, a familiaridade com os modernos recursos da Lingüística histórica." Para a sua interpretação que o espírito científico de João Ribeiro chama apenas de "conjetural", aproveita, entre outras coisas, dados comparativos de outras línguas e tôda a sua vasta erudição, bem como o seu profundo senso pelos finos matizes estilísticos. Mas não so isso. João Ribeiro mostra nesta obra também a sua capacidade da especulação, de criar sugestões, hipóteses, que, às vezes, nem a êle parecem convincentes, mas que poderão levar, mais tarde, a uma explicação mais justa e provável. Mais do que em outras obras de João Ribeiro nota-se nas *Frases Feitas* a influência da escola idealista

* Êste caráter fragmentário de tôda a obra explica-se pelo fato da não-existência da Universidade —como lugar mais adoquado da erudição— no Brasil, naquele tempo. Por isso João Ribeiro "esgotou... a sua longa existência em trabalhos pela maior parte fragmentários", como bem frisa Eduardo Frieiro nas suas "notas sôbre João Ribeiro", publicadas em *Kriterion*, N.os 53-54.

que concorre —como diz numa resenha inédita do livro o Prof. J. Mattoso Camara Jr.— "para lhe dar feitio em que e explicação filológica se torna "anedótica", no sentido de assistemática e caprichosa". Toda a obra, como já dissemos, se distingue pela soma enorme dos conhecimentos do autor, mas conhecimentos —como lembra acertadamente o mesmo Professor— que não afrontam o leitor "como o peso de uma exibição em que em regra se comprazem os nossos eruditos . . ." "Ninguém mais que João Ribeiro merece menos a pecha de uma cultura "parasitária", isto é, nutrida exclu ivamente na leitura. (. . .). Ele sabia com raro equilíbrio haurir idéias e captar orientações sem se escravizar a escolas nem se deixar ofuscar pela nomeada pura e simples dos autores."

Como "notas aproveitáveis" apresentou João Ribeiro, finalmente, as suas observações sôbre *A Língua acional* (2ª ed., 1933), destinadas —como modestamente diz— "à curiosidade dos amadores e estudiosos de idioma português na América". O valor deste livro, cujo caráter fragmentário lembra as *Frases Feitas,* reside na compreensão que João Ribeiro aí revela (tendo feito isso já muito antes, na polémica com Araripe Júnior em 1888) pelas características da fala dos brasileiros. "A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portuguêses", diz neste livro. "As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos." "Falar diferentemente não é falar errado. A fisionomia dos filhos não é aberração teratológica da fisionomia paterna." Foi nesta obra em que João Ribeiro mais veementemente pugnou pelo direito dos brasileiros de terem a sua própria maneira de expressão, a sua *língua nacional,* da qual êle mesmo —como lembra Laudelino Freire (*Revista da Língua Portuguêsa,* 3ª série, Jan. de 1935, Nº 1, p. 101)— nas suas obras, escritas "à feição rigorosamente clássica", mas ao mesmo tempo atual, era tao cioso. Como anotou numa conferência, pronunciada na Biblioteca Estadual do Rio, no ano do jubileu de João Ribeiro, em 1960, M. Cavalcanti Proença, João Ribeiro compreende por "língua nacional" "estilo novo do velho idioma", sem que com isso pretenda "a defesa, nem a apologia intencional de solecismos, de barbaridades e defeitos desculpáveis". *A Língua Nacional* —para citarmos de novo o admirável ensaísta Cavalcanti Proença— "teve a fôrça de um quase manifesto abonador da linguagem literária do movimento modernista". Nesta obra João Ribeiro, novamente, revelou a sua preocupação pelos problemas do Brasil, que êle estudou desde os seus comêços litero-científicos.

O filólogo João Ribeiro, apesar de morto há vinte e sete anos, está

ainda vivo. Vive pela sua obra e pelo seu exemplo, que na sua conferência, infelizmente ainda não impressa, tão bem definiu o autor de *O manuscrito holandês,* quando falou do "exemplo de um espírito científico bem estruturado, avaliando bem da instabilidade das verdades científicas, aceitando por bem a superação dos conhecimentos anteriores, conseqüente ao progresso das pesquisas, e, principalmente, dando por bem o seu desapêgo ao dogma e o decidido repúdio ao defeito muito comum dos que confundem a própria verade evanescente das ciências com as hipóteses e teorias que tentam alcançá-la."

MANUEL SAID ALI IDA.

Em 1961 o Brasil comemorou o centenário do nascimento do grande filólogo nacional Manuel Said Ali Ida.

Filho de árabe do qual herdou o nome, e de alemã, que lhe deu uma boa cultura, fêz os seus primeiros estudos em Petrópolis, sua cidade natal, e mais tarde, no Rio. Para a sua formação contribuiu essencialmente também a amizade com o historiador e geógrafo Capitrano de Abreu. Muito tempo hesitou Said Ali em abraçar a sua carreira, tendo interêsse, além da filologia, pela música e pintura, pela botánica e história natural. O primeiro colégio em que ensinou, era o Colégio S. Pedro de Alcantara, passando, depois, em 1890, para a cadeira de alemão do Colégio Pedro II. Mais tarde obteve, também por concurso, a cadeira da mesma língua na Escola Militar. Além disso lecionou ainda em outros colégios e era consultor literário da Casa Laemmert. Em 1895 fêz uma viagem de estudos para Europa, sendo encarregado pelo ministro de Justiça e Negócios Interiores de informar-se sôbre o ensino secundário no Velho Continente. Morreu na idade de 91 anos, em 1953.

Êste grande cientista viveu no tempo quando ainda não existia a Universidade no Rio de Janeiro. Era autodidata, com profundas leituras das principais obras filológicas da época, sobretudo alemãs. Sem ser licenciado e sem doutoramento conseguiu tornar-se um grande mestre venerado pelos seus amigos e alunos, cuja maior homenagem consistiu na *Miscelânea de estudos em honra de Manuel Said Ali,* Rio, 1938, 142 págs., primeira obra do gênero no Brasil e que, além da bibliografia, contém, onze estudos dos principais filólogos do país, entre êles Ernesto de Faria, C. Jucá (filho), J. Mattoso Camara Jr., A. da Mata Machado Fº., Antenor Nascentes (organizador do volume), J. Oiticica, Serafim da Silva Neto e Sousa da Silveira.

Se deixarmos de lado numerosos artigos publicados em revistas (especialmente na *Revista de Cultura* e na *Revista Americana*) e edições das obras de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Castro Alves, que preparou, poderemos dividir os seus livros publicados em cinco grupos:

1) Para o ensino primário e secundário, respectivamente, serviram a *Gramática elementar da língua portuguêsa* (1923) e a *Gramática secundária da língua portuguêsa* (1923) que fornecem, claramente expostas, as principais noções da fonética, ortografia, lexeologia (isto é, morfologia), formação das palavras, sintaxe e, no segundo dos dois livros, também da estilística. A *Gramática secundária* pertence às melhores que foram publicadas no Brasil e é de lamentar que não tenha passado da 4ª ed. (1935), já muito tempo esgotada.

2) Dos problemas ortográficos ocupa-se o seu *Vocabulário ortográfico* (precedido das regras concernentes às principais dificuldades ortográficas da nossa língua), 1905, o primeiro livro filológico do autor e que visa pôr ordem na ortografia existente. O autor sugere, sobretudo, a simplificação da ortografia, isto é, a supressão de letras nulas e substituição dos chamados grupos gregos por letras mais conformes à pronúncia.

3) Se o *Vocabulário* é a primeira obra de Said Ali, a sua *Versificação portuguêsa* (1949) é a última. Segundo um dos mais ilustres alunos do Prof. Said Ali, o poeta Manuel Bandeira, é "o mais inteligente e incisivo (compêndio) que sôbre a matéria já se escreveu no Brasil, senão também em Portugal" (p. IX). /Sôbre a *Vercificação* vj. uma recensão, de F. Costa Marques, *Revista Portuguêsa de Filologia*, vol. III, tomos I e II, 1949-50, págs. 255-259/.

4) De grande importância são dois livros de M. Said Ali, referentes ao português arcaico (ou "histórico", como êle o chama). O primeiro deles, *Lexeologia do português histórico* (1921) é a morfologia histórica do português. /Sôbre a obra, vj. uma nota de Mário Barreto, *De Gramática e de Linguagem*, I, cap. X./ Este livro, que obteve o 1º Premio Francisco Alves, da Academia Brasileira de Letras, foi reunido, na sua 2ª ed. (1923), à *Formação de palavras e sintaxe de português histórico* (1923) sob o título geral de *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa*.

5) O interêsse pela semântica e sintaxe não se restringiu ao português arcaico. Pelo contrário, é no campo da sintaxe e semântica do português moderno onde o Prof. Said Ali produziu os mais sazonados frutios: *Meios de expressão e alterações semânticas* /1930, 1º Premio Francisco Alves, relativo a 1927, última edição em 1951/, em cujos principais capítulos se estudam as alterações semânticas por que passaram várias expressões da língua portuguêsa e, sobretudo, as *Dificuldades da Língua Portuguêsa* /1908, 1957/, uma das principais obras de filologia portuguêsa, "trabalho de fôlego original de ponta a ponta" /A. Nascentes, *Estudos Filológicos,* 1939, p. 38/. Segundo M. de Paiva Boleo /*Brasileirismos,* p. 4/ e Serafim da Silva Neto /prefácio à 5ª ed. das *Dificuldades*, p. IX/ tornou-se Said Ali com êste livro o maior sintaticista da língua portuguêsa. Dos mais variados assuntos tratados neste livro merece a atenção, especialmente, um estudo sôbre a colocação dos pronomes, cuja complicada problemática reduz ao fenômeno de fonética sintática, sôbre o infinito pessoal, sôbre os particípios duplos, etc. No último dos estudos que integram esta obra prima do prof. Said Ali, revela-se a posição antipurista do autor. Nesta sua atitude, bem como no que toca ao método e à atenção que dedica ao estudo do material, nota-se uma profunda diferença entre êste paciente pesquisador e vários dos seus contemporâneos.

Devido a êstes fatores tornou-se o prof. Said Ali "talvez o nosso maior filólogo, entendendo-se o têrmo em seu sentido mais significativo, onde o investigador erudito se emparelha com o filósofo de largas vistas, consciente da evolução dos fatos e da ação modificadora das leis glóticas" /José Oiticica, *A Rua,* 8.12.1919, citado por E. Bechara, *Primeiros ensaios sobre Língua Portuguêsa,* Rio, 1954, p. 173/.

Num artigo publicado na revista petropolitana *Vozes,* Nº de Junho de 1961, págs. 415-419, o Prof. J. Mattoso Camara Jr., lembrando a figura de Said Ali, salienta o seu profundo saber filológico, baseado no conhecimento seguro da ciência européia, e sua aproximação a Saussure, com cuja doutrina tem vários pontos de contato. Assim se explica, por exemplo, a concepção saidaliana da gramática histórica, em que êle, a diferença dos seus contemporâneos, não descreve as passagens dos fatos gramaticais da língua arcaica para a língua moderna, senão prefere apresentar uma gramática expositiva, enriquecida pelo cotejo com as fases antigas da língua. Entre os pontos de vista de Prof. Said Ali que podem ser considerados novos e originais na sua época, ressalta o Prof. Mattoso Camara 1/a sua compreensão das formas verbais em *-ria* como uma modalidade de futuro, 2/a sistematização dos

verbos com mundança no radical, na base dos radicais do indicativo presente, do indicativo pretérito perfeito e do infinito, 3/ a sua interpretação do emprêgo do infinito pessoal/libertada da doutrina da *Gramática filosófica,* de Soares Barbosa/, 4/ a separação da conjugação simples dos tempos compostos com *ter* e *haver*, êstes últimos considerados por êle com um matiz de aspecto "perspectivo", e 5/ a separação das construções com a partícula *se* da construção passiva no próprio sentido da palavra. O autor do artigo acentua ainda o espírito lúcido e arejado com que Said Ali encarava os fatos lingüísticos, não se deixando influenciar pelo purismo nem pela falsa superestimação dos clássicos da língua como modêlos únicamente aceitáve is para a língua moderna. Said Ali também se diferenciava da maioria dos filólogos do tempo estudando a "língua cotidiana viva" —não naturalmente a língua cotidiana f a l a d a , que só em Antenor Nascentes encontraria o seu primeiro estudioso sistemático no Brasil, mas a língua cotidiana l i t e r á r i a , isto é, a dos diálogos contidos nos romances da sua época. Êste interesse de Said Ali permitiu-lhe estudar, como primeiro e com muito êxito, o fenômeno da "entoação" num dos estudos que integram as *Dificuldades.* É preciso acentuar, também, o lado humano da personalidade de Said Ali e as singulares virtudes dêste cientista, avêsso a qualquer tipo de "promoção" e que na sua vida tôda manifestou uma "integral probidade científica e sincera modéstia, desinteressada de vantagens materiais e louvores".

MAXIMINO DE ARAÚJO MACIEL.

Apesar de pertencer mais ao grupo de gramáticos do que filólogos figura, na nossa galeria, também Maximino de Araújo Maciel. Figura nela pela importância que teve a sua obra principal, a *Gramática descritiva*, nos estudos do português nas escolas, devido à nova doutrina que êsse livro apresentou, provando que o Autor estava a par dos problemas lingüísticos, então ventilados na Europa.

Maximino Maciel nasceu em 1865 na cidade sergipana de Laranjeiras —lugar natal de João Ribeiro. Foi bacharel em direito e doutor em medicina, mas dedicou-se, além da clínica, ao magistério, sendo Professor do Colégio Militar. Era um bom caráter. Gostava de ajudar os outros e frequentemente tratava os pobres de graça. Em filologia era autodidata. Faleceu no Rio a 2 de maio de 1923.

O gramático pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sendo autor de vários trabalhos de medicina e, também, de química e botânica.

Como filólogo deixou Maximino Maciel várias obras, p. ex., uns "ensaios descritivos e históricos sôbre a língua vernácula", *Filologia portuguesa* /Rio, 1889/, *Lições elementares de língua portuguêsa* /Rio, 1910/, um estudo intitulado "Teoria geral da palavra *eis*", etc. Estas obras, porém, caíram no esquecimento e hoje apenas a *Gramática descritiva* lembra o seu nome, em outros tempos tão conhecido.

Esta obra é fruto de uma remodelação profunda e completa do primeiro libro do autor *Gramática analítica* /1887/, já esta baseada nas doutrinas modernas, mas ainda com muitas imperfeições. O próprio autor refere-se a êste livro como a um "modesto trabalho /. . ./, no qual, embora colaborássemos para quebrar a tradição, no entanto sobrelevavam defeitos e senões, porquanto, além da nossa pouca idade, traziamos apenas o preparo que hauriramos em nosso Estado, Sergipe" /*Gramática descritiva,* 6ª ed., 1916, p. 444/.

A *Gramática descritiva* /1893, várias reedições/ é-lhe muito superior, tanto na doutrina, como na apresentação metódica. "A nossa gramática pode não prestar", diz o próprio Maximino Maciel no prefácio à 2ª ed., "mas o orientação é inteiramente diferente do que se tem publicado sobre gramática portuguêsa, e a maior parte dos pontos, quase tôda a doutrina, estão consolidados por autores de nomeada." Na obra, realmente, encontramos citações dos maiores filólogos europeus da época, procurando, assim, a *gramática* estar a par da ciência da linguagem de então. Max Müller, Darmesteter, Clédat sao alguns dos nomes ilustres mencionados na *Gramática.*

A obra se divide em fonologia, lexicologia, "syntaxologia"/!/, semiologia, técnica e modelos de análise. Cada uma dessas partes do livro tem várias subdivisões. A primeira parte —Fonética— trata também da prosodia e da ortografia. Na "Sintaxologia" figuram também elementos de estilística. A Semiologia é integrada por semântica e por elementos de poética /"tropologia"/. A Técnica apresenta elementos de Pontuação. Encerra o livro um "breve retrospecto sôbre o ensino da Língua Portuguêsa", estudo útil e cheio de informações sôbre o desenvolvimento dos estudos de filologia e gramática no Brasil até ao ano de 1910.

A *Gramática,* de Maximino Maciel, importante na época, é hoje obra quase completamente superada, tanto na doutrina como na terminologia, em grande parte, de origem grega. Há, realmente no livro muita classificação e muitos nomes gregos inúteis. Mas analisada històricamente e como produto do seu tempo, não deixa de dar a impressão de uma obra de valor e original, sobretudo na parte da sinta-

xe. Importante é também o conceito geral da obra, que procura uma harmonia entre as regras e os fenômenos da língua, evitando formular regras precipitadas, não baseadas nos "monumentos da língua" /que, porém, carecem de abonação precisa/. Esta concepção não era comum naquela época —pelo, contrário, foi Maximino Maciel um dos seus pioneiros.

Se não fosse por outra razão, já pela orientação da sua *Gramática* merece Maximino Maciel a inclusão na nossa galeria.

OTONIEL MOTA.

Otoniel Mota nasceu em Pôrto Feliz, Estado de São Paulo, a 16 de abril de 1878. Fêz os primeiros estudos na sua cidade natal, transferindo-se, depois, para São Paulo, onde se matriculou no curso preparatório à Faculdade de Direito. Dentro de pouco tempo, porém, deixou os estudos jurídicos pelos de Teologia. Filiado à Igreja Presbiteriana, cursou o seu seminário em São Paulo e, em 1901, recebeu as ordens sacras.

Da mesma maneira como a vida de Júlio Ribeiro e, mais ainda, a de Eduardo Carlos Pereira, dividiram-se as atividades de Otoniel Mota entre a religião e a filologia. Em companhia de Eduardo Carlos Pereira tornou-se um dos fundadores de Igreja Presbiteriana Independente, a primeira organização protestante de caráter nacional, abandonando-a em 1938, quando êle e outros pastôres fundaram a Igreja Cristã de São Paulo. Foi pastor em vários lugares do Estado de S. Paulo, Professor de Teologia e colaborador de vários órgãos da Imprensa religiosa protestante do Brasil.

Quase meio século teve de atuação destacada no magisterio secundário e superior, desde o Ginásio Oficial de Campinas até a Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de São Paulo como professor de português. Nesta Universidade, logo depois da sua criação, ocupou, também, a cadeira da Literatura Luso-Brasileira. Além de português e da literatura portuguêsa e brasileira, lecionou a língua e a literatura grega na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia; e Filologia e Lingüística, ligadas à interpretação da Bíblia, na Faculdade de Teologia. Durante algum tempo exerceu, também, o cargo de Diretor da Biblioteca Pública de Estado. Era membro da Sociedade de Estudos Filológicos, do Instituto Histórico de São Paulo e da Academia Paulista de Letras. Faleceu a 14 de abril de 1951.

As suas publicações são múltiplas, mas só, em parte pertencem à

Filologia. Deixou livros de contos, uma novela, um romance, várias obras religiosas e de história. Além dos livros publicados, são numerosos os seus artigos em revistas culturais e religiosa e em vários diários, como, p. ex., *O Estado de São Paulo* e a *Fôlha da Manhã*.

A sua estréia filológica é o *Ensaio Lingüístico* /1905/. Do ano de 1917 é a sua *Chave da língua,* precedida pelo estudo sobre *O Pronome "se"* /2ª ed., 1916/, polémica que travou com Said Ali. Dêsse mesmo período é também e edição escolar de *Os Lusíadas,* enriquecida com ilustrações, valiosas notas e um índice alfabético /1917/. A sua Seleta moderna /1930/ é uma vasta coletánea de trechos literários. Um erudito latinista revelou-se nas anotações e no prefácio da sua edição das Geórgicas, de Virgílio e em alguns artigos, p. ex., sôbre "A passiva latina", publicado no *Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos,* a. II, Nº 2, t. I, 279-282.

Tôdas estas obras citadas têm, porém, pouca importância em comparação com três outras, que são *O Meu Idioma, Lições de português* e *Horas filológicas.*

O Meu Idioma, que saiu, pela primeira vez, em 1916 e foi várias vezes reeditado, é uma espécie de gramática histórica, completada com uma seleção de textos latinos e portuguêses e com notas que a êles sé referem. O livro al cançõu um grande êxito devido à sua clareza e simplicidade. Não é uma obra de erudição, pelo contrário, é confessadamente uma complicação /que, p. ex., na parte antológica aproveita a obra de J. J. Nunes/, mas de uma grande utildade graças aos preciosos elementos que contém e a maneira fácil de exposição.

Pela clareza cristalina da interpretação primam, igualmente, as *Lições de português* /1915/ que atingiram várias reedições por serem altamente didáticas e devido a os novos métodos que adotam. O livro foi escrito depois da viagem do autor pela América do Norte e pela Suiça. Sabendo que o estudo do português se tornava cada vez mais antipático e indigesto a os alunos, quis adotar um novo processo, menos sintético do que o de outros livros. "O programa do A.", diz o próprio Otoniel Mota no prefácio, "cifra-se em poucas palavras —simplificar a matéria, suavizar o ensino, selecionar o essencial e insistir, repisar, para que esse essencial se grave indelèvelmente no espírito." Por isso, é esta obra até certo ponto inovadora e revolucionária. A novidade consiste também no uso de diagramas, que ajudam a compreender a análise sintática e que o Autor adotou segundo o modêlo de manuais norte-americanos. A obra se divide em duas partes —a primeira /para o 1º e o 2º ano do ginásio/ consta de 62 lições, en-

quanto que a 2ª parte /mais adequada para o 3º ano ginasial/ contém uma seleta de trechos clássicos e os respectivos comentários.

A terceira das obras citadas, *Horas Filológicas,* é muito posterior. Foi publicada em 1937. O livro reune artigos, sobretudo, etimológicos, mas, também, os de gramática histórica, artigos filológico-etnográficos, literário-lingüísticos, de crítica textual, etc. São artigs de várias épocas e de vário valor. No prefácio /publicado já antes em *O Estado de São Paulo*/, o Prof. Rebêlo Gonçalves chama o livro "úma robusta afirmação de capacidade e vitalidade científica".

Se não fosse por outras atividades e publicações, já êstes três livros seriam suficientes para justificar esta nossa lembrança da figura do escritor sério, honesto e de talento, conferencista de brio e filólogo de superiores dotes didáticas, que foi Otoniel Mota.

JOÃO LEDA.

João Chrysóstomo de Oliveira, professor em Manaus, acaba de publicar o seu discurso de posse na Academia Amazonense de Letras, que versa sôbre a vida e a obra de João Leda /Ed. Sérgio Cardoso, Manaus, 1960/.

João Leda /1879-1955/, embora natural do Maranhão, viveu a maior parte da sua vida na capital amazonense, pertencendo, pois, à cultura desse Estado. Ocupou vários cargos na administração pública, mas distinguiu-se, sobretudo, como jornalista e filólogo.

Durante muitos anos foi redator e colaborador de vários jornais de Manaus, especialmente, de *O Jornal* e *Jornal do Commercio.* Infelizmente a vasta obra de jornalista de João Leda, estendida no vasto espaço de quatro decenios, é inestudada e espera um paciente pesquisador que faça um levantamento da imprensa amazonense para encontrar seus artigos, hoje inumados nos arquivos.

Como jornalista, tornou-se conhecido com as suas polémicas. Estas, porém, marcaram também a sua obra de filólogo. Memorável, apesar de hoje quase esquecida, é a sua discussão com Cândido de Figueiredo, regisstrada em *Os áureos filões de Camilo,* 1924. Mas já um ano antes, no seu primeiro livro publicado, *Vocabulário de Ruy Barbosa,* 1923, preliou com o autor português, que êle intitula irônicamente o "Sr. Cândido de Figueiredo o Máximo" e o "Pontífice da Lexeologia Portuguesa", cesurando-o por não ter registrado, no seu dicionário, várias centenas de vocábulos encontráveis na *Réplica* e dizendo haver "da parte do lexicólogo uma indiferença que raia pela desatenção". Com a obra *Nossa Língua e seus Soberanos,* 1928, gladia amistosamente com

José de Sá Nunes sôbre diferentes problemas do idioma pátrio. Na sua obra mais erudita que escreveu sôbre assunto de linguagem, combateu veementemente *A Quimera da Língua Brasileira,* 1939. Publicou, também, a sua tese *Da exação relativa dos fatos históricos,* 1931.

Trabalhando em condições difíceis, criou João Leda uma obra interessante. É, pois, digno de elogios, o esfôrço do professor Chrysóstomo por lembrar esa figura, agora já quase esquecida, da filologia brasileira. Mas com isso a pesquisa, tão bem iniciada, não termina. Seria útil publicar, numa criteriosa seleção, os artigos filológicos que João Leda publicou nos jornais de Manaus, e os numerosos manuscritos que deixou.

MÁRIO BARRETO.

Um dos representantes da corrente filológica que se esforçava por defender a unidade da língua em Portugal e no Brasil, foi Mário Castelo Branco Barreto.

Nasceu a 17 de Março de 1879, no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Militar, cursando depois a Faculdade de Direito, onde se formou em 1902. A sua vocação, porém, era igual a de seu pai, Fausto Barreto, durante muitos anos Catedrático do Colégio Pedro II, filológo que teve uma grande influência sôbre tôda uma geração de filólogos e entre cujos discípulos figuram Antenor Nascentes e Sousa da Silveira. Entrando no magistério, tornou-se Mário Barreto Catedrático do Colégio Militar, Professor do Colégio Pedro II e Lente do Ginásio S. Bento e da Escola Normal. Um acidente de bicicleta pôs fim a sua vida. Faleceu a 9 de setembro de 1932, na idade de apenas 53 anos.

Qua e tudo o que Mário Barreto publicou, tinha passado pela Imprensa. Foi realmente assídua a sua colaboração nos jornais, p. ex., no *País* e no *Correio da Manhã,* onde dirigiu a seção no suplemento dominical: *A Sra. Gramática.* Foi colaborador também de revistas filológicas, primeiro da *Revista da Língua Portuguêsa,* de Luadelino Freire, passando mais tarde /depois de ter sofrido desgostos nela/ para a *Revista de Filologia Portuguesa,* editada em São Paulo por Sílvio de Almeida. Depois da morte do autor de *O antigo vernáculo,* em Março de 1924, tornou-se a instâncias da Editora, diretor da Revista, lutando com dificuldades materiais que embaraçavam os passos da publicação, impedindo a sua regularidade, até que com o número 21-24, em 1925, a *Revista,* morreu.

Como lembra seu amigo português Jorge Daupiás, em *A Língua*

Portuguêsa /Lisboa/, vol III, 1932, p. 25, Mário Barreto era "um grande caráter, cheio de retidão, de lealdade e de probidade literária, de que tõda a sua vida foi exemplo". Homem destituido de vaidade e sem dogmatismo de professor. Homen trabalhador, de vastas leituras e de senso crítico. Poucos filólogos poderiam competir com Mário Barreto na cópia da documentação, no conhecimento direto dos autores, lidos sempre em boas edições.

Apesar de ter tido tôdas as condições intelectuais para criar uma importante obra sintética, a produção de Mário Barreto nao passa de artiguinhos —respostas aos consulentes nos jornais— às vezes elementares, artinguinhos, enfeixados mais tarde, sem qualquer plano traçãdo, em livros. Todos os livros publicados por Mário Barreto dão a impressão de alguma coisa fragmentária, incompleta e, na maioria de casos, não ultrapassam os limites da gramática normativa. Sòmente nos últimos tempos entrou Mário Barreto em questões de maior profundidade.

Dá pena ver frustrada, devido a dispersão e à luta pelo pão de cada dia, a obra de um filólogo que poderia ter sido um dos orgulhos da filologia nacional. Tanto mais é de lamentar êste fato porque todos os artigos, inclusive os menos significantes, revelam uma grande seriedade do autor e uma documentação extraordináriamente rica de escritores e obras, prevalescendo entre êles Frei Luís de Sousa e Camilo.

Mário Barreto tinha uma verdadeira paixão por êste escritor luso, que foi seu parente por lado materno. Esta admiração ilimitada, que desculpava todos os êrros do autor de *O Amor de Perdição,* não era sem parigos, porque Mário Barreto procurava defendê-los sem fria objetividade. Dominava a sua obra com perfeição, tornando-o modêlo diante do qual deviam curvar-se os outros escritores e os próprios fatos da linguagem.

Mário Barreto era, aliás, no espírito mais português do que brasileiro. Adorava Portugal, país que nunca teve oportunidade de visitar e seu amor a êsse país levou-o a dizer, na hora da morte, num hospital português do Rio de Janeiro, onde estava internado: "Morro satisfeito, porque morro numa casa de Portugal e no meio de portuguêses."

o Brasil Mário Barreto sentia-se deslocado, não encontrando acolhida que a sua timidez e modestia precisavam. Foi bastante combatido e as duas derrotas da sua candidatura a Academia Brasileira de Letras /que tanto precisava e precisaria ainda de um filólogo para

seus trabalhos lingüísticos que tem programado/ amarguraram a sua vida.

Mário Barreto, ao lado de Silva Ramos e Sousa da Silveira, foi certamente o mais ardente defensor e propagandista do sistema ortográfico lusitano de 1911, na campanha que visava a sua adoção no Brasil. Como lembra no seu belo necrológio Sousa da Silveira /*A Língua Portuguesa,* vol. cit., 37-43, transcrito na *Revista de Cultura,* Nº 58, 109-114/, era um verdadeiro continuador da escola filológica, que se criou em Portugal, devido às melhores condições que havia lá para êste tipo de trabalho.

No Brasil as condições não eram tão favoráveis como no País do ultramar. Falando das dificuldades que teve que vencer Mário Barreto para chegar a ser filólogo, diz Sousa da Silveira /op. cit., p. 40/: "Qualquer carreira puramente científica é, entre nós, espinhosa. Na filologia /não falo do chalatanismo que se acoberta com êste nome/ na filologia os obstáculos avultam e apavoram. As boas edições das obras clássicas ou antigas são caras; as revistas e os livros técnicos não custam barato. O tempo gasto no estudo não é, depois, bem recompensado... Todos conhecem a precariedade da vida de professor. Além disso, não temos uma faculdade onde se possam fazer estudos filológicos especializados. O estudioso há-de ser em tudo autodidata, isto é, despender exaustivo esforço e energia."

Estas condições eram também as de Mário Barreto, o que, em parte, explica e justifica o caráter fragmentário da sua produção filológica, sendo com isso dificultada a consulta das suas obras; apenas um bom índice analítico tornaria fácil essa tarefa tão proveitosa e instrutiva. /Que saibamos, um índice alfabético e remissivo da obra de Mário Barreto, de autoria do Prof. Cândido Jucá /filho/, publicado pela *Revista filológica,* não tem sido concluido/.

Foi, sobretudo, em Portugal onde Mário Barreto tinha amigos e admiradores. Foi incomprensívelmente defensor ardente do espírito mediocre de Cândido de Figueiredo /que êle começou atacando no primeiro livro/, combatido bastante no Brasil, pelos seus artigos de alto purismo, publicados no *Jornal do Commercio,* uma das maiores alegrias —sobretudo depois da frustrada candidatura à Academia Brasileira de Letras que lhe preferiu o poeta Olegário Mariana— foi a sua eleição de membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. No Brasil, tinha, sobretudo, dois amigos: João Ribeiro, que prefaciou o seu primeiro livro, e Silva Ramos, a quem tinha uma admiração ilimitada.

Mário Barreto não foi apenas gramático, que, para usarmos as palavras de Agripino Grieco, costuma ser "teimoso e estreito nos seus conceitos, desabrido e obsoleto" /cf. Manuel Múrias, *A Língua Portuguesa,* vol. cit., p. 35/. ão se limitava a expor regras, pelo contrário, entrava sempre no amago da questão. "Conheceu bem os clássicos, mas a sua preocupação maior consistiu em extrair dos monumentos literários do passado informações sôbre o espírito e a índole da língua actual." /Manuel Múrias, p. 35/ O anti-gramático revela-se, por exemplo, no seu repúdio aos abusos da análise lógica /sintática/ nas escolas brasileiras daquêle /e, em parte, ainda do nosso/ tempo. Mário Barreto, aliás, sabia qual é e pode ser o papel do gramático. Em *Através do Dicionário e da Gramática* diz: "O papel do gramático é registrar e tratar de explicar sistemàticamente os caminhos percorridos pela livre e inconsciente evolução da linguagem, e mais nada." E diz ainda: "Fujo do caminho dos nossos gramáticos filósofos, que empenhados em encerrar nos canones duma análise convencional a admirável complexidade do nosso idioma, fulminam severos anatemas contra tudo que se não encaixa nos seus estreitos moldes."

Se é freqüente nos gramáticos saberem as leis e as regras e não conseguirem expressar-se nela bem e claramente, Mário Barreto também não era gramático. Pois apesar de devoto da língua, procurava escrever com amenidade e de maneira simples e accessível.

Segundo o testemunho autorizado de Sousa da Silveira /art. cit., p. 37/, Mário Barreto "perlustrou todos os ramos da filologia, mas onde penetrou mais fundo e tornou-se mais original, foi na sintaxe. Mas em todos os seus trabalhos nota o leitor a segurança dos métodos da pesquisa, a perspicácia e a inteligência que os utiliza e o dom privilegiado e invejável daquêle cujo cérebro se acha armado, por um favor da natureza, para decifrar os mais difíceis segrêdos da linguagem."

É difícil descrever cada um dos livros de Iário Barreto, porque todos têm uma feição semelhante; em todos se vè que representam a-reunião de artigos e estudos sôbre os mais variados problemas. Tomemos como exemplo outra vez o livro *Através do Dicionário e da Gramática* para mostrarmos qual é o caráter dos seus livros. Nesta obra encontramos artigos sôbre fonética histórica, sôbre morfologia, sôbre sintaxe, sôbre semantica, focalisa-se lá o problema dos galicismos e estrangeirismos, podem-se ler lá observações psico-lingüísticos, de estética literária, juízos pedagógicos, assuntos relativos à ética editorial, etc. Tudo isto está incluido no livro sem ne hum plano prévio, mas

tudo está estudado com rigor científico, e com "espírito de justeza, de exatidão, de probidade" /João da Silva Correia, *A Língua Portuguesa*, vol. cit., págs. 44-49/.

Se não contarmos uma bela tradução /enriquecida com notas/, das *Cartas Persas,* de Montesquieu /1923/ nem um volume póstumo que contem onze artigos publicados em *O País* e treze no *Correio da Manhã,* reunidos em livro por Cândido Jucá /Filho/, publicou Mário Barreto, em sua vida, seis livros, um dêles em dois volumes. Já os títulos dessas obras revelam o traço mais característico da sua personalidade: a modestia.

O livro de estréia de Mário Barreto é os *Estudos da Língua Portuguesa* /1903/, dedicados a Fausto Barreto. Neste livro reuniu o autor, que tinha 24 anos, alguns escritos publicados em épocas diversas e em diversas fôlhas /p. ex., no *Correio da Manhã*/. É, pois, uma seleção de escritos juvenis —"testemunho dos seus primeiros estudos em materia de língua portuguesa". Na carta-prefácio João Ribeiro louva a seriedade de Mário Barreto e os seus interêsses pouco comuns nos moços de sua idade; salienta também que o livro está bem escrito, o que é raro num livro filológico —escrito com elegância do estilo, e não com aridez. "Poucas estréias conheço eu as quais se possam comparar a esta vossa, pelo valor, pela substância, pelo conteúdo e pela forma. Sai-se o discípulo como se fora mestre e depara-se o sábio onde apenas se esperaria o neófito." Também Heráclito Graça nos *Fatos da linguagem,* Rio, 1914, p. 464 diz que "a estréia, sobre auspiciosíssima, foi brilhante e regozijou a quantos se interessam pelas letras. O Sr. Mário Barreto mostrou-se em tão verdes anos um escritor consciencioso, correto, elegante e incisivo; e de golpe conquistou com o seu livro um dos primeiros lugares entre os mais festejados filólogos portuguêses e brasileiros." Sousa da Silveira, como lemos no folheto de Homero Senna, *O problema da língua brasileira,* Rio, 1953, p. 7, percebeu neste primeiro livro de Mário Barreto, embora só de maneira ténue e um pouco hesitante, qualquer coisa doquilo que procurava: qualquer coisa de orientação científica no estudo da língua, método preciso na observação dos fatis e segurança nas deduções.

O segundo livro, *Novos estudos da Língua Portuguesa* /1911/ é, também, "mera silva de ensaios diversos em diversas datas compostos e publicados nas fôlhas volantes das gazetas", como diz o próprio autor na dedicatória a João Ribeiro. Êste chama o livro /numa carta mandada ao autor/ de "livro sólido, rico de saber e de erudição". Silva Ramos /*Jornal do Commercio,* 30.11.1911; transcrito no livro *Pela*

vida fora . . ., Rio, 1922, págs. 69-72/ elogia o "estilo preciso e conciso, como manda a arte, com tôda a elegância que a matéria comporta". O livro teve boa recepção também de Carlos de Laer, Rui Barbosa, Heráclito Graça, Maximino Maciel, e outros.

Uma coleção de artigos representam também os *Novíssimos estudos da Língua Portuguêsa,* que são, segundo Silva Ramos /*Pela vida fora . . .,* p. 83/ "um ótimo repositório de muito valiosos documentos da linguagem vernácula, interpretados com o critério moderno por um espírito de escol, que se premuniu com um grande lastro de ciência para se não evolar aos quatro ventos da fantasia em matéria positiva".

Em *Fatos da Língua Portuguêsa* /1916/, prefaciados por Silva Ramos, trata o autor dos mals variados assuntos em quinze primeiros capítulos, enquanto que as últimas páginas estão dedicadas às anotações a trechos de Frei Luís de Sousa e ao problema ortográfico.

Os dois volumes intitulados *De gramática e de linguagem* /1922/, dedicados a Cândido de Figueiredo e Rui Barbosa, respectivamente, reunem as respostas aos consulentes, publicadas nas páginas da *Revista da Língua Portuguêsa,* de Laudelino Freire.

E finalmente *Através do Dicionário e da Gramática* /1927/, volume dedicado novamente a Silva Ramos, contem respostas a perguntas formuladas pelos consulentes da *Revista de Filologia Portuguêsa.*

Assim era Mário Barreto, assim é a sua obra.

SOUSA DA SILVEIRA.

Os últimos anos tem sido profícuos em homenagens ao ilustre estudioso A. F. de Sousa da Silveira, antigo professor catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e uma das maiores figuras da filologia brasileira. Além de lhe ter sido dedicado o Nº 3 da *Ibérida,* contendo a bibliografia do Mestre /elaborada por Emmanuel Pereira Filho/, mostra-se o aprêço em que se tem a sua obra, por reedições dos seus principais escritos: das *Lições de Português* e dos *Trechos seletos.*

Estas e outras homenagens são mais do que justas, pois se trata de um "professor modelar, claríssimo, metódico", do cientista de grande "segurança, penetração, clareza perfeita, método rigoroso, redação implacável" /Gladstone Chaves de melo, *Cadernos brasileiros,* II, 1, 13-19/, de um investigador de grandes méritos, sobretudo, por ter dado à estampa adições modelares, tanto de autores portuguêses como

de brasileiros, como acentua o Prof. Serafim da Silva Neto em *A Filologia Portuguêsa. Problemas a Métodos,* p. 62.

Sousa da Silveira nasceu no Rio de Janeiro, a 11 de maio de 1883, descendente de tradicional família portuguêsa. Fêz o curso secundário no antigo Ginásio Nacional /hoje Colégio Pedro II/, como condiscípulo de Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Artur Moses. Por não haver ainda uma Faculdade de Letras, estudou na Politécnica, tornando-se engenheiro geógrafo e civil. Esta sua atração decorreu da sua formação positivista e da sua consequente paixão pela Matemática e pela Física /vj. Gladstone Chaves de Melo, art. cit./. De agôsto de 1908 a julho de 1911 viajou por Portugal, Espanha, Inglaterra e França. De 1913 a 1920 trabalhou na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Apesar de ter uma formação técnica, sempre se interessou pelos clássicos da língua, p. ex., Camões e Vieira. Longo tempo procurava uma orientação científica no estudo dos problemas lingüísticos, um método preciso na observação dos fatos, e segurança nas deduções, encontrando tudo isso, em parte, na obra de estréia de Mário Barreto, em Epifânio Dias e, sobretudo, nas *Lições de Filologia*, de Leite de Vasconcelos. Depois da leitura dêsse livro resolveu dedicar-se ao estudo da língua portuguêsa e tornar-se professor dela.

Como lemos no folheto de Homero Senna, *O problema da língua brasileira,* Rio, 1953, muita influência, neste sentido, tinha sôbre êle a amizade de Manuel Bandeira e de Antenor Nascentes, bem como a orientação de alguns professores, como Silva Ramos, que foi o primeiro que chamou a sua atenção para as belezas do idioma e para os seus recursos estilísticos.

A sua carreira de professor começa em 1917, ano em que, depois de um concurso, foi designado docente da cadeira de português da então Escola Normal /hoje Instituto de Educação/. Nos anos de 1932-33 era professor de ensino profissional. Na extinta Universidade do Distrito Federal exerceu o cargo do Professor de Filologia Portuguêsa /1935-37/, professor assistente de Filologia Romanicca /1936/ e Professor catedrático de Lingüística /1938-39/. Desde 1939 até 1953, ano em que se aposentou, era catedrático de Língua Portuguêsa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Durante os longos anos do magistério formou vários alunos, por exemplo, Celso Cunha, Emmanuel Pereira Filho, Jesus Belo Galvão e outros.

Vários são seus títulos honoríficos: é Sócio Correspondente da Academia Fluminense de Letras, Membro efetivo da Comissão de

Filologia da Casa Rui Barbosa, Membro da Academia Brasileira de Filologia, Presidente perpétuo do Centro de Estudos de Língua Portuguêsa, por êle fundado, e Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública de Portugal. Foi laureado pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio Machado de Assis e distinguido pelo govêrno do Brasil com as medalhas comemorativas dos Centenários do Barão do Rio Branco /1945/ e Rui Barbosa /1949/.

Já desde 1921, quando começaram a ser publicadas, em capítulos, na *Revista de Língua Portuguêsa* e, sobretudo, a partir do ano de 1923, em que apareceu a separata dos N.os 11-18 e 20-21, reunindo as partes da obra, vêm as *Lições de Português* prestando assinalados serviços aos estudiosos e aos alunos. São merecidamente consideradas não só o livro mais notável do autor, mas também um dos mais importantes que já foram escritos pelos filólogos brasileiros, colocando-se ao lado de Said Ali, a quem estão dedicadas. Sucessivas edições do livro, em 1924, 1927, 1940, 1958 e 1960, demonstram que estas lições de português ministradas no Instituto de Educação continuam obtendo um merecido éxito do público interessado que aprecia no livro "o conhecimento profundo do idioma, só adquirido em longos anos de convívio diário com a prosa e a poesia dos mestres em tôdas as idades da língua" /Manuel Bandeira, *Jornal do Brasil,* 15.10.1958/.

A última edição do livro /Livros de Portugal, Rio, 312 págs./, revista cuidadosamente pelo Prof. Maximino de Carvalho e Silva, é uma nova afirmação das qualidades do livro e dos seguros e equilibrados métodos adotados nele. Da edição anterior difere esta última, por ser enriquecida com alguns acréscimos, mencionados no prefácio do Autor. Não são muitos, mas são valiosos. Apesar disso, parece-nos que teria sido interessante atualizar algumas partes do livro. Na primeira parte que é histórica e cujo nome "Etimologia" corresponde só a uma parte do seu conteúdo, teria sido útil introduzir as notáveis aquisições que vem obtendo no mundo inteiro /e no Brasil graças ao esforço do Prof. Mattoso Camara Jr./ a fonémica. A sintaxe que forma a segunda parte, também poderia atualizar-se em alguns aspectos, mas é, sobretudo, o terceiro capítulo —Estilística— que mais desenvolvimento precisaria para corresponder, material e proporcionalmente, à primeira e a segunda. Mais ampla poderia ser igualmente a quarta parte que trata da dialectologia —tarefa primordial da filologia no Brasil.

aturalmente, esta observação geral não tira a mínima parcela do valor a obra. Lições de português, apesar de poderem ser ampliadas, em alguns dos seus parágrafos, não deixam, por isso, de ser um dos

livros básicos da filologia no Brasil. Fiel à doutrina neogramática que abraçou logo no comêço da sua carreira, criou o Prof. Sousa da Silveira no espírito dessa corrente então dominante na lingüística da Europa, esta obra, da qual o seu condiscípulo e colega, Antenor Nascentes, deu um depoimento justo e sincero, caracterizando êste livro de "estilo vigoroso, simples, didático" assim: "Abordando velhos temas, V. soube obedecer ao brocado: "Non nova, sed nove"."

Além das *Lições de português* eram reeditados os *Trechos seletos* /6ª ed., Briguiet, Rio, 1961, 481 págs./, de Sousa da Silveira. Estes *Trechos* representam o "complemento prático" das *Lições,* tendo a sua 1ª ed. saído antes destas /1919/ e constituindo o primeiro livro filológico do Autor.

A primeira parte é integrada por seis substanciosos estudos. No primeiro apresenta-se a história interna e história externa da língua, com uma síntese da fonética histórica e um esbôço da gramática da língua arcaica. O segundo estudo prova que quase todos os supostos brasileirismos são apenas arcaismos conservados na fala brasileira. Nas partes que seguem, estudam-se o plural dos substantivos, o plural dos adjetivos, o verbo com o pronome "o" ou "lo" enclítico e o pronome "se", êste caracterizado como sinal de indeterminação do sujeito. Seguem, depois, os textos em prosa e em poesia com as respectivas notas de pé de página. As anotações e os índices encerram a obra.

Os *Trechos seletos* é uma obra independente, mas as freqüentes referências às *Lições de português* entrosam —nos com esta obra— prima do Prof. Sousa da Silveira. De acordo com o Prof. Gladstone Chaves de Melo /p. III do prefácio/ achamos que é nas anotações onde reside o principal mérito dêste livro bem e cuidadosamente pensado, que deveria ser citado entre os mais importantes que já foram feitos no campo da filologia no Brasil.

"O saber e proficiência do Professor Sousa da Silveira documentam-se largamente" /F. Costa Marques, *Revista Portuguêsa de Filologia,* vol. III, tomos I e II, 1949-50, p. 252/ também nos seus *Textos Quinhentistas,* "Trabalho filológico modelar" /Felisberto Martins, *Brasilia,* vol. IV, 507/, publicado como Nº 1 da Coleção Textos Antigos e Modernos, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. São quatro textos, fiéis e ciudadosamente escolhidos, acompanhados com seguras e numerosas anotações de cunho lingüístico e, as vezes, estético /nunca, porém, de caráter literário ou histórico-literário/. "Sóbolos Rios", de Camoes, "Crisfal", de Cristóval Falção, "Castro", de Antônio Ferreira e "Auto da Alma", de Gil Vicente.

Mas Sousa da Silveira soube ser editor cuidadoso também de textos mais modernos, p. ex., de *Os suspiros poéticos e saudades,* de D. J. G. de Magalhães e das *Obras,* de Casimiro de Abreu; a restituição e interpretação do texto dêste poeta é sobretudo importante, por ela demonstrar que é injusta a fama de Casimiro como escritor incorreto.

Com êstes trabalhos, aos quais poderiamos acréscentar ainda as *Máximas, Pensamentos e Refléxões do Marquês de Maricá* /1938/ —autor que muito influenciou na formação do próprio Sousa da Silveira— e *Algumas Fábulas de Fedro* /1948/, o Prof. Sousa da Silveira, no entender de Celso Cunha, "vem incutindo em seus alunos o gosto pela reconstituição crítica das obras dos autores de língua portuguêsa /*Defesa da filologia,* Coimbra, 1954, p. 15/, contribuindo também condiderávelmente para enriquecimento da filologia brasileira.

Vários são os estudos menores de Sousa da Silveira, que versam sôbre problemas ortográficos /tal como o estudo sôbre "Ansia, tecer e a Ortografia Portuguêsa", constituido pelos artigos que o autor publicou no *Jornal do Commercio,* como polémica com Laudelino Freire e Júlio Nogueira/, etimológicos /"Étimo de *ser", Revista de Cultura,* º 32, 1945, págs. 5 e segs./ ou fonéticos; dêstes últimos o estudos mais importante é *Fonética sintática na interpretação de textos /Revista de Cultura,* Nº 31, 1942, p. 5 segs./ e, sobretudo, o livro: *Fonética sintática,* Rio, 1952, do qual disse, numa interessante resenha, Silvio Elia /*Verbum,* x, 1953, Junho de 1953, 254-257/ que se caracteriza "pelo mais acabado escrúpulo científico, firmeza de doutrina e exatidão de método" e pela "fidelidade obstinada aos fatos". De fonética, ou melhor, de peculiaridades fonéticas brasileiras, segundo a pronúncia carioca, /além de algumas peculiaridades morfológicas e sintáticas/ trata também o artigo "A língua nacional e o seu estudo", *Revista da língua portuguêsa,* Nº 9, 18-32.

Apesar de êste resumo não mencionar todos os trabalhos de Sousa da Silveira, esperamos que possa dar uma idéia sôbre a atividade e orientação dêste ilustre filólogo. Ocorre-nos uma comparação entre êle e o seu condiscípulo e amigo Antenor Nascentes; enquanto que para êste o objeto e a paixao das pesquisas é, sobretudo, a língua de hoje, a linguagem viva e quitidiana, Sousa da Silveira prefere o estudo da língua arcaica ou da língua moderna, mas literária. Ao Homero Senna /*O Problema da língua brasileira,* p. 27/ disse: "A língua falada é um tanto livre e descuidada, é cheia de construções e repetições que, na vivacidade e ligeireza do diálogo, passam sem maior inconveniente, mas que, trasladadas para o papel, e lidas, tornam o estilo pesado e

enfadonho". Não é o nosso objetivo discutir esta opinião nem tomar partido da orientação de um ou outro filólogo. Mas o fato é que ambos, embora de maneira diferente, contribuiram decisivamente para o desenvolvimento dos estudos filológicos no Brasil.

José Oiticica.

Descendente de uma família alagoana, filho do futuro senador Leite e Oticica, nasceu em Oliveira, no Estado de Minas Gerais —para onde o pai, entao juiz de direito, tinha sido transferido— a 22 de julho de 1882. Ainda criança transferiu-se com a família para Alagoas e teve vida de menino de engenho. Aos oito anos veio ao Rio. Aí fêz os seus estudos de humanidades e o seu curso da Faculdade de Direito. No Rio freqüentou também o curso anexo da Escola Politécnica /hoje de Engenharia/ e o 1º ano de Medicina, o que lhe deu uma boa preparação da história natural e matemática. Foi Catedrático do Colégio Pedro II, tendo obtido a cadeira após um brilhante concurso e Professor em vários outros estabelecimentos de ensino secundário, no Distrito Federal; na Escola Dramática substituiu a Jão Ribeiro na cadeira de Prosódia. Em 1931 foi leitor de Português na Universidade de Hamburgo.

José Rodrigues Leite Oiticica foi um espírito complexo e combativo. Lutava com tudo e com todos. A sua discípula Albertina Fortuna, num artigo publicado em *Studia,* a. VIII, Dez. de 1957, Nº 8, págs. 93-97, elogia o destemor dêle, lembrando também como era severo em aula e rigoroso nas notas que atribuía aos alunos. Devido a êstes traços de caráter tinha inúmeros inimigos e apenas uns poucos, mas fanáticos admiradores.

Tanto os amigos e os discípulos, como os adversários reconheciam, porém, a sua "cultura invulgar, sólida, humanística" /Albertina Fortuna/, a sua honestidade, seus vastos conhecimentos de línguas /conhecia o alemão e o grego, tendo deixado um método inédito de grego/, sua inteligência e originalidade. Viam nele, muito justamente, uma figura singular da cultura brasileira. O seu saber era, realmente, extenso, mas pouco ordenado, o que se notou, aliás, também em algumas das suas obras que, em busca de uma melhor e mais fina sistematização, complicam ao extremo e de maneira pouco compreensível ao leitor, o assunto.

Os múltiplos interêsses levaram-no a uma dispersão total das suas atividades. Além de filólogo, era poeta, dramaturgo, crítico literário. E pedagogo e inventor. Político e jornalista.

O poeta Oiticica deixou três volumes de versos parnasianos: *Sonetos* /1911/, *Ode ao Sol* /1915/ e Sonetos, 2ª série /1919/. *Pedra que rola, Quem os salva?...* e *Pó de perlimpimpim* são títulos das suas comédias, tôdas representadas no Rio, nos anos 1920 e 1936, respectivamente /e a segunda delas, também, em São Paulo, 1923/. Nos jornais e, especialmente, no *Correio da Manhã*, estampou vários artigos de crítica literária e, também, de assuntos políticos. A êstos dedicou êste "apóstolo do anarquismo no Brasil" /Humberto de Campos/ três livros: *Princípios e fins do programa comunista-anarquista* /1919/, *Atrama dum grande crime* /1922/ e *A doutrina anarquista ao alcance de todos* —obra de vulgarização doutrinária. No anarquismo, cujo sentido filosófico e político estudou e divulgou com ardor de polemista —ardor que mais de uma vez teve por conseqüência a prisão— via o bem-estar humano, sustentando estar opiniões não só no livro e na imprensa, mas também na cátedra e na tribuna. Não sentia incompatibilidade entre estas suas concepções materialistas e o seu espiritualismo, pois pertenceu a Rosa Cruz, ligada ao movimento budista e ghandista. Como pedagogo procurou Oiticica novos métodos de ensino, sobretudo, no seu ginásio experimental em Copacabana, cujo fracasso, porém, constituiu uma das suas mais profundas decepções e perdas econômicas. Também o Instituto de Filologia que fundou em 1927, teve vida efémera, devido ao seu temperamento autoritário. Não se limitando aos experimentos na pedagogia, extendeu-os também ao campo de física e química, tendo feito nestes ramos algumas invenções singulares. Foi, também, grande admirador de música e, especialmente, de Bach e compositor com trabalhos inéditos, tendo estudado harmonia, contraponto e fuga com maestro Paulo Silva do Instituto Nacional de Música. Amava também a literatura; as suas leituras da literatura brasileira e portuguêsa eram vastas, manifestando-se no *Curso de literatura* /apostilas póstumas de alunos/ e em outros trabalhos.

O espírito combativo e polémico de Oiticica revela-se nos seus escritos filológicos. Reflete-se neles também a sua dispersão, característica de toda e qualquer atividade sua. Não deixou obras à altura da sua inteligência e a originalidade das suas concepções.

Os seus dois livros filológicos mais conhecidos são *Manual de análise /léxica e sintática/*, 1919 /várias reedições/ e *Manual de estilo*. O primeir o dêsses livros procura renovar e completar a análise que, segundo Oiticica, se faz na escola insatisfactòriamente. O *Manual de estilo* deve melhorar o estilo, geralmente ruim, das pessoas que escre-

vem no Brasil e cujo primarismo ou mau gôsto estilístico se deve ao ensino, ministrado por professores mal-formados.

Outras publicações filológicas de Oiticica são: *Estudos de fonologia, 1ª parte* /1916/ —tese de concurso ao Colégio Pedro II cuja doutrina se fundamenta na observação da pronúncia padrão brasileira; "Sistema fonético brasileiro", sep. da rev. *Euclydes,* 1941, 31 págs.; *Um programa heterodoxo de português nas escolas,* 1948, 24 págs.; *Teoria de correlação,* 1952, 59 págs.; *Português ginasial,* 1ª série, 1952, 1953. O livro *Roteiros em fonética fisiológica, técnica do verso e dição* /1955/ encerra os seus trabalhos sôbre classificação fisiológica de fonemas e o sistema fonético brasileiro, sôbre encontros vocálicos, técnica do verso e dição. Apenas começados ficaram, os seus *Cadernos de Português* e o *Novos dicionário popular da língua portuguêsa prosódico e ortográfico,* do qual sairam 17 fascículos.

O trabalho filológico mais importante que Oiticica publicou é, porém, um estudo incluido no *Boletim do Museu Nacional,* vol. IX, 1933, Nº 1 e que se intitula: "Do método no estudo das línguas sul-americanas", 40 págs. Neste trabalho que revelou Franz Boas no Brasil, se mo tra a necessidade de uma revisão crítica de tudo o que foi escrito sôbre as línguas indígenas na América do Sul, e se acentua a importância de novos estudos, especializados e sistemàticamente programados, proporcionando-se para isso várias indicações metódicas.

A 30 de junho de 1957 a morte encerrou a vida de Oiticica, cheia de lutas, experimentos, incompensões e perseguições, mas caracterizada também por uma sede, nunca satisfeita, de saber.

ANTENOR NASCENTES.

No dia 17 de Junho de 1961 celebrou o seu 75º aniversário o grande filólogo brasileiro e notável autoridade da língua portuguêsa, Prof. Antenor Nascentes.

O Prof. ascentes é carioca de origem e na Velha Capital brasileira desenvolveu tôda a sua atividade de professor e homem de ciencia. Tendo sido de origem humilíssima, teve que vencer sempre pelas suas próprias fôrças, sem a ajuda de qualquer Mecenas. Sendo mulato, afrontou, corajosamente, a sociedade, que às vezes olha com desconfiança e altivez os homens de côr, logrando vencer todos os obstáculos e atingir o máximo, a que um cientista e professor pode aspirar: o reconhecimento dos seus méritos por parte dos outros estudiosos e o amor e gratidão dos alunos. De certa maneira, a vida do Prof. Nascentes lembra a de um outro ilustre homem de côr —Machado de Assis,

diferenciando-se, porém, consideràvelmente dela pelo fato de o Prof. Nascentes nunca se esquecer da sua origem pobre e simples.

Graças ao grande esfôrço que envidou, bacharelou-se em ciências e letras pelo Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II (1902) e, em 1908, em direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Desde 1903 exerceu o magistério particular de humanidades. Depois de ter sido, por algum tempo, oficial do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, em 1919 fêz concurso para a recém-criada cadeira de espanhol do Colégio Pedro II, sendo classificado em 1º lugar e nomeado em 18 de Outubro. En 1927 foi transferido para a cadeira de português do mesmo educandário, exercendo, mais tarde, nos anos de 1935-37, interinamente a cadeira de Literatura no Externato do Colégio Pedro II; em 1945 se aposentou. Desde 1937 ocupa a cadeira da filologia românica da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro.

Os comêços da atividade do Prof. Nascentes como estudioso remontam aos anos de 1906-1908, quando êle publica os seus primeiros artigos filológicos. O seu primeiro livro data do ano de 1914; trata-se de *Ligeiras notas sôbre redação oficial* (5ª ed., 1941) que escreveu ainda como oficial do Ministério e que contém as normas, regras fundamentais e preceitos relativos à redação de decretos, ofícios dirigidos às repartições, etc.

Do ponto de vista puramente filológico foi o primeiro livro do Prof. ascentes *O linguajar carioca em 1922,* escrito por ocasião do primeiro centenário da proclamação da independência do Brasil. O livro, redigido por iniciativa de W. Meyer-Lübke e dedicado ao fundador da dialectologia científica no Brasil, Amadeu Amaral, cujo *O Dialeto caipira* lhe servia de modêlo, aborda a fonética, morfologia, sintaxe e léxico do linguajar do Rio de Janeiro e demonstra o caráter cosmopolita do léxico carioca, devido ao fato de ser o Rio o centro que exerce sôbre o resto do país uma fôrça centrípeta, ao lado da qual existe a contrária que espalha pelo país inteiro os neologismos cariocas. Em 125 páginas que o livrinho contém, estabeleceu o Autor os traços característicos das diferencicações do falar carioca no princípio do século XX, encontrando devido à escolha do tema e graças à maneira de focalizar o problema críticas elogiosas dos filólogos nacionais e estrangeiros.

Depois de publicar o livro, o Prof. ascentes não deixou de interessar-se pelo problema, como demonstra a paciente preparação da segunda edição, publicada em 1953 sob o título ligeiramente modifica-

do *O Linguajar carioca*. Do interêsse pelo linguajar passou, mais tarde, ao estudo especial da gíria, sendo o fruto desta pesquisa a sua *A gíria brasileira* (1953), que resume um rico material tanto antigo como atual da gíria, sobretudo a carioca. O interêsse pelo linguajar e pela gíria, manifestado desde os seus começos filológicos, levou o Prof. Nascentes aos estudos dialectológicos, visando com o seu trabalho a contribuir para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil; a mais importante contribuição do Prof. Nascentes à dialectologia brasileira são as suas *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (1958), opúsculo que se compõe do projeto de um questionário e de uma lista dos pontos dos inquéritos e cuja segunda parte (questionário gramatical) êle mesmo está elaborando atualmente.

Às *Ligeiras notas sôbre redação oficial* e *O Linguajar Carioca em 1922* seguem, cronològicamente, as *Apostilas de Português* (Rio, 1923), em que, com verdadeiro dom de síntese, soube condensar um inteiro curso de língua vernácula, abrangendo o essencial da gramática expositiva e gramática histórica, sem esquecer até rápidos conselhos sobre a composição e dedicando a atenção também à ortoepia, assunto descurado até então nos compendios. Obedecendo ao conselho de uma crítica, ampliou o Prof. Nascentes, mais tarde, estas notas de aula numa das suas melhores obras —em *O Idioma Nacional*.

Este livro passou por três fases. Na primeira constou de quatro e, mais tarde (depois da inclusão, na série, de *Noções da estilística e de literatura),* de cinco volumes. Depois da reforma do ensino secundário e sua divisão em ginásio e colégio, a matéria foi reagrupada em quatro volumes. Na sua última fase (1960) *O Idioma Nacional* constitui a consolidação da doutrina gramatical de todos os tomos anteriormente editados, servindo amplamente a todos os interessados, sem obedecer a nenhum currículo.

Um das causas do êxito que alcançou esta série é de ter sido fruto de experiências pedagógicas e de constantes preocupações pelo lado metodológico do ensino. Êste interêsse do Prof. Nascentes data já do tempo dos seus estudos na Faculdade de Direito e revelou-se em vários artigos e entrevistas e, sobretudo, no livro *O Idioma Nacional na escola secundária* (1935), cronológicamente a primeira didática em língua portuguêsa. Prefaciada pelo Prof. Lourenço Filho, contém esta obra uma série de observações, adquiridas tanto no processo da educação dos filhos do Autor, como na sua atuação de Professor.

Tanto como *O Idioma Nacional* foi um livro pioneiro para o ensino da língua portuguêsa no Brasil, foram pioneiras as pesquisas

do Prof. Nascentes no campo da etimologia. O principal fruto dêste paciente trabalho é o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* e vários estudos publicados em revistas.

O primeiro volume do *Dicionário* saiu em 1932 (829 págs.) por conta própria do autor e com o prefácio de W. Meyer-Lübke e mereceu o aplauso tanto da Academia Brasileira de Letras, que o distinguiu com o 1º Prémio Francisco Alves de 1932, como da crítica especializada no Brasil e no estrangeiro (E. Bourciez, K. Vossler, V. Pisani, M. de Paiva Boléo, etc.).

Vinte anos mais tarde, em 1952, publicou o Prof. Nascentes o segundo volume do Dicionário (389 págs.), que analisa os nomes próprios; também esta obra, prefaciada pelo Prof. Serafim da Silva Neto, foi bem aceita pela crítica. "Essa obra", diz o prefaciador, "honra a ciência brasileira. Dará, no estrangeiro, a certeza de que entre nós, como em campo fértil e fecundo, cresceu e se desenvolveu a semente da ciência européia." Atualmente o Prof. Nascentes está preparando o III volume, que conterá palavras portuguêsas de origem de Ásia, África, América e Oceania.

Como lexicógrafo, o Prof. Nascentes se distinguiu ainda por mais quatro dicionários: o *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional* (1941, 3ª ed., 1952), o *Dicionário básico de portugues do Brasil* (1949, 2ª ed., 1952), destinado às pessoas que apenas sabem ler, mas nao possuem cultura, o *Dicionário de sinónimos,* editado em Coimbra (1957) e o *Dicionário da Língua Portuguêsa,* que vai ser publicado, em quatro volumes, pela Academia Brasileira de Letras, a título de projeto do dicionário académico definitivo.

O interêsse pela lexicografia levou ao Prof. Nascentes a alguns importantes trabalhos que visavam consolidar a nomenclatura química, mineralógica e geológica e, sobretudo, gramatical. Quanto à modificação da nomenclatura gramatical brasileira, o Prof. Nascentes participou ativamente nos trabalhos da Comissão incumbida desta tarefa, sendo seu Presidente; além de ter escrito o esbôço da nomenclatura e dirigido os trabalhos da comissão, publicou, uma vez aprovedo o trabalho dela, o texto da nomenclatura, completando-o com um comentário *(Nomenclatura gramatical brasileira,* 4ª ed., 1960).

Além dos trabalhos acima indicados, o Prof. Nascentes dedicou a sua atenção ainda a vários outros problemas referentes à língua portuguêsa no Brasil. Constante tem sido seu interêsse pelo problema ortográfico do português, dedicando a esta questão dois opúsculos e uma série de artigos. Também à pronúncia e alguns problemas da fonética

consagrou o Prof. Nascentes vários trabalhos. Com isso contribuiu consideràvelmente para o conhecimento e para o estudo dos principais problemas da língua portuguêsa do Brasil, focalizando também, algumas vezes, o próprio problema da chamada "língua brasileira" e vários aspectos da sua sintaxe, léxico, fraseologia, bem como da toponimia brasileira.

Valiosas são também as edições de textos, que o Prof. Nascentes preparou: a sua edição escolar de *Os Lusíadas* (1930) e a edição crítica da *Música do Parnasso,* de Manuel Botelho de Oliveira (I. II, 1953) e das obras de Laurindo Rabelo (ainda não publicadas).

Apesar de ser autor de obras de grande fôlego, o Prof. Nascentes sempre encontrou o tempo e a energia para breves artigos de divulgação filológica, publicados, em sua maior parte, na *Revista de Cultura* e para resenhas de novos livros filológicos.

A maior parte dos trabalhos do Prof. Nascentes, como acabamos de ver, se ocupan da língua portuguêsa. Mas, além disso, o culto Mestre publicou obras relacionadas com a filologia românica em geral, colocando-se entre os fundadores desta disciplina no Brasil e com o ensino —ao qual se dedicou por muitos anos no Colégio Pedro II— da língua e literatura espanholas.

Todo êste vasto trabalho foi realizado no tempo que lhe deixou livre a assídua atividade pedagógica e seus outros interêsses, entre os quais figuram o amor à literatura, à música, ao turismo e à cidade natal, bem como numerosas conferências públicas que proferiu. Poucos sabem que é autor de algumas narrativas, poesias e dramas e tradutor do *Teatro,* de Beaumarchais, publicado em 1923, de *O Buscapé,* atribuido a Cervantes e do *Fausto,* de Goethe. Fruto do seu constante interesse pela música são os *Elementos de teoria musical,* publicados, em colaboração com o Prof. Raymundo da Silva, no ano de 1917 (10ª ed., 1959). As impressões que colheu nas suas viagens de turismo encontramos em dois livros: *Num país fabuloso* (1934) e *América do Sul* (1937). O amor ao Rio manifesta-se em alguns artigos e, sobretudo, no livro *Efemérides cariocas* (1957), uma história da antiga Capital em dados.

Não obstante a sua idade, o Prof. Nascentes continua ainda hoje a sua atividade infatigável, preparando várias obras, entre as quais figura o *Dicionário da Língua Portuguêsa* (acima mencionado), a nova edição, bem aumentada, do *Tesouro da Fraseologia Brasileira,* a nova edição, com vários acréscimos, de *A gíria brasileira, A gramática dos êrros* (obra inspirada em Frei), o terceiro volume do *Dicioná-*

rio etimológico da língua portuguêsa, o segundo volume dos *Estudos filológicos,* cujo primeiro tomo saiu em 1939, a *Iniciação ao grego* —uma antologia de trechos de autores nacionais e estrangeiros sobre a Grécia e sua cultura e língua, de curiosidades sôbre as artes gregas, de epitáfio, de informações sôbre a Grécia moderna, de citações aladas e frases célebres, etc.

Numerosos são os títulos que lhe foram outorgados. Mas a melhor homenagem que lhe puderam prestar seus amigos, alunos e colegas, foi a publicação da *Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes* (1941), organizada pelo Prof. Serafim da Silva Neto. Depois da *Miscelânea Said Ali* é a segunda obra do gênero no Brasil. Na apresentação da obra que, além de uma bibliografia do homenageado, contem doze estudos importantes, diz-se com toda a razão: "Ao Sr. Prof. Antenor Nascentes não cabem elogios pomposos e campanudos, porque a sua obra, copiosa e utilíssima, fala e sóbria e majestosa linguagem que consagra o esfôrço dos realizadores."

AUGUSTO MAGNE.

Entre os nomes dos mais conhecidos filólogos brasileiros atuais figura o do Padre Augusto Magne.

O Prof. Magne nasceu a 3 de Março de 1887 em Mende. Fez seus estudos primários e secundários na França, emigrando, com a idade de 17 anos, para o Brasil, onde logo entrou na ordem dos jesuitas. Em 1908 tornou-se cidadão brasileiro. Nos anos de 1907-8 cursou a Universidade de São Paulo e, mais tarde, estudou em várias Universidades européias: nas de Paris, de Roma, da Inglaterra, de Viena e de Espanha. No Brasil exerceu o cargo do Professor de filologia românica na Faculdade Nacional de Filosofia e do professor da língua e literatura grega na Pontifícia Universidade Católica; foi também diretor desse estabelecimento de ensino. É membro da Indogermanische Gesellschaft de Berlim, da Société de Linguistique de Paris, da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Romanistas.

O seu interêsse filológico divide-se entre o português e o latim.

No campo do português a sua principal obra é o *Dicionário da língua portuguêsa* (especialmente dos períodos medieval e clássico), do qual saíram, até agora, dois volumes (1950, 1954). O maior valor da obra consiste em abundante documentação das fontes arcaica e medieval da língua. O plano do dicionário é gigantesco. Seriam necessárias dezenas de anos para levá-lo a bom termo. Com a lentidão com que vem sendo publicado, não ultrapassará as primeiras letras do

alfabeto. De qualquer maneira, a parte publicada presta bons serviços, pela riqueza da documentação histórico-etimológica.

Importantes são também as edições de textos que a Prof. Magne preparou. Entre êles se destaca *A Demanda do Santo Graal,* obra publicada em três volumes, dos quais os dois primeiros constituem o texto e o terceiro o glossário (Rio, 1944); o quarto deveria conter a gramática. Recentemente, porém, o Prof. Magne reeditou o 1º volume de *A Demanda* completamente refundida e valorizada pela reprodução, em facsímiles, do Códice utilizado. O 2º vol. que termina o texto, já está no prelo. O glossário, muito mais desenvolvido do que o que foi publicado como 3º vol. da obra na 1ª ed., constituirá agora uma obra independente, para a qual se preve uma publicação em três volumes. O 1º vol. do Glossário, de A-D, já está no prelo. O Prof. Manuel de Paiva Boléo na *Introdução ao estudo da filologia portuguêsa,* 1946, p. 50, considera êste glossário (para cuja elaboração foi aproveitado o magnífico glossário compilado por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos para o *Cancioneiro da Ajuda*) como um dos melhores trabalhos etimológicos para o estudo do português arcaico. À edição de *A Demanda do Santo Graal,* dêsse importante monumento da literatura medieval portuguêsa, cujo manuscrito se encontra na Biblioteca vienense, foi atribuido a prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1953). Outra obra dêste gênero que o Prof. Magne fêz, é o *Boosco deleitoso* (edição crítica do texto de 1515); o 2º vol. do *Boosco* conterá a reprodução, em facsímile, do texto e o glossário; preve o Instituto Nacional do Livro a sua publicação para 1962. Além disso o Prof. Magne preparou a edição crítica do incunábulo de 1495: *A vida de Cristo* (por enquanto saiu o 1º tomo e se aguarda para breve a publicação do segundo). Com êstes trabalhos o Prof. Magne demonstrou o conhecimento de textos arcaicos, a sua capacidade filológica de ler os manuscritos e interpretá-los.

No campo do latim, o Prof. Magne, além de ser autor de várias obras didáticas, apresentou quatro volumes (letras A-C) do *Dicionário etimológico da língua latina* (Famílias de palavras e derivações vernáculas), 1952. Também com esta obra de grande envergadura o Prof. Magne prestou serviço à cultura no Brasil.

De sua autoria são também os *Princípios Elementares de Literatura* (vol. I: Teoria Literária), trabalhos de cunho religioso e vários trabalhos em revistas (p. ex., na *Revista da Língua Portuguêsa,* de Laudelino Freire, na *Revista Filológica,* de Ruy de Almeida, na *Revista de Filologia e História,* etc.).

O culto conhecedor da filologia clássica e do português arcaico formou, durante a sua carreira pedagógica, vários alunos, entre os quais se destacam a Profª D. Matilde Matarazzo, especialista em filologia românica (e, sobretudo, lingüística italiana) e o Prof. Gladstone Chaves de Melo, especializado, sobretudo, no estudo do protuguês do Brasil.

CLÓVIS MONTEIRO.

A 14 de Julho de 1961 faleceu, como vítima de pertinaz moléstia e, em parte também, da sua extrema dedicação ao trabalho de professor e administrador, Clóvis Monteiro, "um perfeito servidor da causa da educação no Brasil", "exemplo de dignidade, inteligência e cultura" (Austregésilo de Athayde, *Diário da Noite,* 15.7.1961).

Nasceu a 10 de setembro de 1898, em Fortaleza (Ceará), de família pobre. Muito cedo perdeu o pai e viu-se obrigado a trabalhar desde moço para sustentar a sua mãe e sete irmãos. No Ceará estudou no Instituto Miguel Borges, no Colégio Colombo e na Faculdade de Direito do Ceará. Já aos 16 anos, foi secretário do então importante jornal cearense, *Unitário.* Com 19 anos obteve, por concurso, o cargo de Professor Jormalista da Armada com exercício na Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. Três anos mais tarde apresentou uma tese (*Morfologia e Sintaxe dos Substantivos na Língua Portuguêsa*) para preencher a cátedra de Português no Colégio Militar do Rio de Janeiro, o que não conseguiu, por não ser reservista. Além dêste fez ainda vários outros concursos: em 1926 e em 1936 para a cátedra de Português no Colégio Pedro II, em 1928 para Professor de Ensino Secundário da Prefeitura, em 1931 para a Cátedra de Literatura na então Escola Normal (hoje Instituto de Educação). Foi Professor da extinta Universidade do Distrito Federal, Catedrático de Português do Colégio Pedro II, de Literatura, no Instituto de Educação, de Língua Portuguêsa, na Pontifícia Universidade Católica do Rio e da Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Úrsula.

Vários foram seus cargos oficiais. Dirigiu a Escola Secundária do Instituto de Educação, nos anos de 1938-1947 foi Diretor do Internato e nos anos 1956-1961 (até o dia 26 de Fevereiro) do Externato do Colégio Pedro II. Em 1947 foi escolhido pelo então Prefeito para exercer o cargo de Secretário-Geral de Educação e Cultura —cargo êsse em que permaneceu mais de três anos; por um curto período do tempo substituiu, também, interinamente o Profeito durante a su viagem ao exterior. Na função do Secretário de Educação fez várias inovaçoes e

melhoramentos das ecolas do então Distrito Federal, fundou dezenas de novas unidades escolares, das quais uma tem seu nome, etc.

A maior parte dos trabalhos filológicos de Clóvis Monteiro consta de teses de concurso. As mais importantes são duas: *Da tendência analítica na evolução do nosso idioma* (93 págs.) e *Da influência do tupi no Português* (55 págs.), ambas do ano de 1926.

No primeiro dêsses dois trabalhos mostra o A. os germes da tendência analítica nas línguas clássicas, salientando como esta tendência se desenvolveu no latim vulgar /"popular"/, e passando ao estudo dos aspectos da morfologia portuguêsa, compara a declinação latina e pertuguêsa, encerrando a tese por amostras, da tendência analítica em português e nas línguas românicas, sem estudar, pormenorizadamente, êste problema no português do Brasil atual.

Em *Da influência do tupi no Português* resumen-se os primeiros contatos entre os indígenas e os portuguêses, analisam-se os principais traços do tupi, estudam-se os empréstimos do tupi no português e, na última parte do trabalho, se demonstra que o tupi não influenciou sintàticamente o português do Brasil.

Ambos os trabalhos foram aceitos favoràvelmente por Mário Barreto que lhes dedicou um longo artigo em *O País*, 9.6.1926. Uma opinião simpática às conclusões dêsses trabalhos externaram, também, W. Meyer-Lübke numa carta dirigida ao filólogo brasileiro (20.11.1927) e Albert Dauzat numa nota que publicou na *Revue des Langues Romanes*, VII-XII, 1927.

Remodelados, entraram êstes trabalhos no livro *Português da Europa e Português da América* (Aspectos da evolução do nosso idioma), 1931, 253 págs. (3ª ed., 1952), cuja terceira parte está dedicada ao problema ortográfico.

Êste foi assunto também de uma outra publicação de Clóvis Monteiro: *Ortografia da Língua Portuguêsa*, 1955, 321 págs. Êste primeiro trabalho publicado nas oficinas tipográficas do Internato do Colégio Pedro II devia suprir a falta do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa*, editado pela Academia e desde há muito tempo esgotado. Na primeira parte se apresenta um histórico do problema da ortografia portuguêsa, mostrando-se as tentativas pela sua simplificação, enquanto que na segunda parte da obra se analisa pormenorizadamente a ortografia que está em vigor no Brasil.

Este trabalho tem fins, sobretudo, didácticos. Para a mesma finalidade erve a *Nova Antologia Brasileira*, 1933 (várias reedições) que contém numerosos trechos, tanto em prosa como em verso, dos autores

brasileiros e portuguêses dos séculos XIX e XX, introduzidos por uma sucinta bio-bibliografia e acompanhados por valiosas notas de rodapé.

Voltando ainda para as teses de concurso, citemos mais três que Clóvis Monteiro, em diversas oportunidades, apresentou. A já mencionada *Morfologia e Sintaxe dos Substantivos na Língua Portguêsa* (1920) constitui a estréia filológica do insigne cearense. Nos *Traços do romantismo na poesia brasileira* (1929) se estuda o classicismo como escola que precedeu a escola romântica, dedicando-se a esta a atenção na segunda parte do trabalho; nesta segunda parte focaliza o A., primeiro, as origens do romanticismo e o seu surgimento e expansão na Europa, analisando, depois, os traços do Romanticismo na poesia brasileira. Em 1933 apresentou Clóvis Monteiro à Congregação do Colégio Pedro II a tese *A linguagem dos cantadores* (69 págs.) que é um dos seus trabalhos mais importantes. Baseando-se em textos coligidos e publicados por Leonardo Mota, analisa a linguagem dos cantadores e, sobretudo, o vocabulario das suas criações tecendo, também, algumas observações sobre a fonética e, em escala menor, sobre a morfologia e a sintaxe dessas composiçoes.

Além disso, é Clévis Monteiro autor de alguns trabalhos menores. Dêles citemos a sua aula inaugural do ano letivo no Colégio Pedro II: *O ensino da Língua nacional* (publicada no *Jornal do Commercio,* 21.3.1937), em que se examina doutrinàriamente a questão da diferenciação lingüística e a conveniente atitude didática a respeito. Na revista *Arquivos,* Nº 2, págs. 13-26, saiu seu parecer sôbre a "Denominação da língua nacional", que o filólogo apresentou na sua qualidade do membro da comissão, designada em 1946 pelo Ministro da Educação e Saúde, para opinar sôbre a questão do idioma nacional. No primeiro e único Nº da *Língua e Linguagem* (1947), págs. 39-44, publicou um artigo "A língua portuguêsa no século XVI".

Póstuma e a sua obra *Esbôço da História Literária.*

As obras de Clóvis Monteiro, embora não numerosas e extensas, constituem uma contribuição para o estudo de vários problemas e, especialmente, de vários aspectos do português do Brasil. A atividade pedagógica, à qual se dedicou com paixão, e os seus cargos administrativos, não lhe permitiram ampliar e aprofundar êstes trabalhos que, não obstante seu caráter sucinto e incompleto, têm uma grande importância.

Do pesquisador e administrador Clóvis Monteiro não se pode separar a sua figura humana; "era uma grande alma: desinteressado, leal,

indefectìvelmente correto, puro como o cristal, bom como um santo" (Austregésilo de Athayde).

J. MATTOSO CAMARA JR.

Se folhearmos as revistas filológicas estrangeiras, procurando nelas artigos dos especialistas brasileiros, o nome que entre os poucos lá freqüentemente figura é o de Joaquim Mattoso Camara Jr. Êste filólogo brasileiro é, realmente, um dos que mais convincentemente mostraram no estrangeiro, através da sua obra, os valores da ciência do Brasil.

O professor Joaquim Mattoso Camara Jr. nasceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1904, sendo silho do conhecido especialista em Economia Política, Dr. Joaquim Mattoso Duque Estrada Camara, autor de *A Questão Monetária* (Rio, 1904) e vários trabalhos sobre finanças. Um dos seus professores, o educador Jônatas Serrano, levou-o muito cedo a colaborar com poesia e traduções poéticas na *Revista Social*. Embora formando-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes e em seguida em Direito pela Faculdade de Direito da atual Universidade do Brasil, Joaquim Mattoso Camara Jr. não exerceu nenhuma dessas profissões (salvo indiretamente a primeira no cargo obtido por concurso de provas de desenhista da Inspetoria de Águas e Esgotos, que deixou definitivamente em 1937), dedicando-se, desde o ano de 1928, inteiramente ao magistério. Para esta carreira preparou-se, fazendo vários cursos de especialização e aperfeiçoamento no Brasil e no estrangeiro: curso de Filologia Latina e Neolatina, na Faculdade de Letras da Antiga Universidade do Distrito Federal, com o romanista frances Georges Millardet e, em virtude de uma bôlsa de estudos da Fundação Rockefeller, em algumas Universidades norte-americanas, encontrando-se entre seus professores nomes conhecidos, como éo de Louis Gray, George Herzog, Roman Jakobson, Parmenter, etc. Mais tarde, o Prof. Mattoso Camara Jr. fêz na Faculdade Nacional de Filosofia o curso de doutoramento em Letras Clássicas, colando grau de Doutor em Letras com a tese: *Para o Estudo da Fonêmica Portguêsa,* aprovada com distinção.

Vários são os estabelecimentos de ensino secundário em que o Prof. Mattoso tem lecionado o Português e o Latim. No ensino universitário tem trabalhado como professor de Português e de Lingüística. Sua carreira de professor universitário foi iniciada na Faculdade de Letras da antiga Universidade do Distrito Federal, onde inaugurou no Brasil o ensino de Lingüística (1938-39), assumindo depois, em 1950, o

cargo que tem exercido até hoje, de professor regente de Lingüística na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; no ensino particular, tem atuado como professor de Português da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras das Faculdades Católicas Petropolitanas, em Petrópolis (desde 1957). Em 1957, como professor visitante, deu um curso de Fonética e Fonémica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. A sua atividade pedagógica de muitos anos tem exercido uma ação, às vezes, decisiva na formação filológica de vários jovens, alguns dos quais já são hoje nomes conhecidos no magistério e na literatura didática e filológica. Um exemplo é o Prof. Adriano da Gama Kury, autor de excelentes livros didáticos, escritos no espírito de sadia renovação doutrinária e pedagógica.

Numerosas são as organizações brasileiras e estrangeiras, entre cujos membros figura o nome do Prof. Mattoso. É membro fundador da Academia Brasileira de Filologia, sócio da Sociedade de Estudos Filológicos, da Universidade de São Paulo, sócio do Centro de Estudos Filológicos da Faculdade Catarinense de Filosofia (Florianópolis), sócio efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (no Río), sócio de Linguistic Society of America (Baltimore), sócio fundador do Linguistic Circls of New York, em cujo Advisory Board representa o Brasil, e colaborador associado de Current Anthropology em Chicago.

Dos congressos em que participou, são de citar o I Congresso Brasileiro de Língua vernácula, na Academia Brasileira de Letras, em homenagem ao centenário de Rui Barbosa (1949), do II Colóquio Luso-Brasileiro em São Paulo (1954), do IV Colóquio Luso-Brasileiro em Salvador (1959), da I Reunião Brasileira de Antropologia no Rio (1953), da III Reunião Brasileira de Antropologia em Recife (1958), da IV Reunião Brasileira de Antropologia em Curitiba (1959) e, como observador brasileiro, a convite do Centro de Pesquisas Sociais da UNESCO no Rio, da Reunião da FLASCO para a elaboração de um Dicionário de Ciências Sociais em língua espanhola (1959).

A produção científica do Prof. Mattoso Camara Jr. é vasta. O insigne Lingüísta tem publicado sôbre Lingüística, Língua Portuguêsa, Língua Inglêsa e Língua Francêsa livros de nivel de ensino secundário e de ensino superior, e numerosos artigos sobre temas lingüísticos em revistas filológicas e culturais do País e do estrangeiro, como *Revista de Cultura, Revista Brasileira de Filologia, Boletim de Filologia, Jornal de Filologia, Letras, Verbum, Revista do Livro, Revista de Filología Hispánica* (Buenos Aires-New York), *Word* (New York), *Ro-*

manisches Jahrbuch (Hamburg), *Revista de Antropologia.* Colaborou em miscelâneas de estudos no País e no estrangeiro, como *Miscelânea de Estudos em honra de Manuel Said Ali, Miscelânea de Estudos em honra de Antenor Nascentes, For Roman Jakobson, Miscelanea Homenaje a André Martinet, Travaux de l'Institut* da Universidade de Paris e *A Literatura no Brasil* (obra publicada sob a direção de Afrânio Coutinho).

O Prof. Mattoso é o mais notável estruturalista brasileiro. Começou a sua carreira científica como estruturalista, influenciado por Saussure, Millardet, Sapir e pelo Circle de Linguistique de Prague (dos seus representantes, especialmente, por Jakobson) e tem ficado fiel à doutrina desta escola até hoje, escrevendo no seu espírito tôdas as obras lingüísticas.

Delas, quanto à sua importância, ocupam o primeiro lugar os trabalhos dedicados à fonêmica. O Prof. Mattoso é pioneiro da fonêmica no Brasil e, actualmente, o único cientista no País que se dedica ao seu estudo. Sua obra maus importante deste gênero, *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa,* 1953, completada por uma série de estudos, teve uma boa aceitação no estrangeiro, como demonstram as resenhas, notas e referências nas revistas publicadas além das fronteiras do Brasil. A sua orientação neste campo é principalmente nas diretrizes do Círculo de Praga, embora também aproveite, subsidiàriamente, as conclusões de fonémica norteamericana.

Outra esfera de interêsse é constituida pela lingüística geral. Também aqui o Prof. Mattoso Camara Jr. tem desempenhado o papel de introdutor desta disciplina como sucessor de Oiticica (que não deixou obras do gênero) na extinta Faculdade de Distrito Federal e, mais tarde, na Faculdade Nacional de Filosofia e como autor de *Princípios de Lingüística Geral* (1940), que está ja na 3ª ed. (1959). Esta obra que data de um curso dado em 1938, passou por ampliações e reformulações nas três edições sucessivas no sentido estruturalista cada vez mais estrito. A princípio inspirado, sobretudo, em Saussure e Sapir, o livro adquiriu em edições subseqüentes uma visão maior de Lingüística ocidental, procurando uma formulação estruturalista que, fiel à sua origem, levasse também em conta as múltiplas e variadas correntes da lingüística contemporânnea no mundo. Na obra se nota a preocupação implícita do autor de formular num quadro moderno e científico uma nova orientação para o estudo da filologia portuguêsa.

Êsse objetivo se tornou explícito em outra obra de gênero, *Dicionário de fatos gramaticais* (1956), em que se une ao professor de lin-

güística o fino conhecedor do português, sendo a focalização doutrinária e a exemplificação dos verbetes feita na base da língua portuguêsa. A idéia de fazer dêste livro uma espécie de gramática superior portuguêsa em forma dicionarizada vai-se acentuar na 2ª ed. que o autor está preparando em caráter de verdadeira refundição, como podemos constatar através de alguns verbetes já prontos.

Como o primeiro levou o Prof. Mattoso ao conhecimento dos brasileiros as obras do lingüista norteamericano E. Sapir, traduzindo a sua *Linguagem, introdução ao estudo da fala* (1954) e *Lingüística como Ciência* (1961) e completando essas edições com penetrantes estudos sobre o filólogo e com valiosas notas de pé de página. Sapir foi dentro da lingüística norteamericana a figura que mais influenciou o Prof. Mattoso Camara; êle não simpatiza muito, com efeito, com a corrente norteamericana hoje predominante, que está mais diretamente filiada ao pensamento behaviorista de Bloomfield.

Enriquecendo os trabalhos de Said Ali e de outros filólogos brasileiros publicou o Prof. Mattoso também vários estudos estilísticos, em que analisa, sobretudo, o estilo de Machado de Assis, e um livro *Contribuição à Estilística Portuguêsa* (2ª ed., 1953). Aí êle desenvolve a sua tese sôbre a estilística que encara do ponto da vista de Bally, mas colocada no quadro das três funções essenciais da linguagem, de C. Bühler: ao lado da língua destinada à representação, êle vê a estilística a serviço da manifestação psíquica e de apêlo, para nos servirmos dos têrmos portuguêses com que ele traduziu a nomenclatura alemã de Bühler *(Darstellung, Kundgabe, Appell).*

Nos últimos anos dedica uma grande atenção ao estudo das línguas indígenas do Brasil e procura renovar o método da pesquisa e os objetivos dêsse estudo procedendo ao exame crítico do que se tem feito até agora e sugerindo e mesmo executando novos tipos de estudo baseados na lingüística descritiva e na análise mórfica. Nessas diretrizes deu no Museu Nacional, do Rio de Janeiro, um curso de introdução as línguas indígenas, com a participação da lingüísta norteamericana Sarah Gudschinsky; são 15 palestras que vão ser publicadas por aquela Instituição.

Livros didáticos de português para o curso secundário, bem como de inglês em colaboração e numerosas resenhas completam a longa bibliografia do insigne lingüísta, cuja obra está longe de ser encerrada e que tem merecido —além da aprovação e incentivo de figuras de destaque, como sao Jakobson e Coseriu, P. Hartmann e F. Mikus— a crítica apreciativa de um M. de Paiva Boléo, Maria Bel-

chior Pontes, Júlio García Morejón, Helmut Lüdtke, P. Garvin, F. M. Rogers e de outros filólogos estrangeiros.

AIRES DA MATA MACHADO.

Com o subtítulo "Guia para o Estudioso de Idiomas" acaba de sair pela Editora Glôbo (1960, 606 págs.) o famoso livro *O homem e as línguas* (The loom of language), escrito há uns vinte anos, sob a orientação de Lancelot Hogben, por Frederick Bodmer. Esta obra sai não só numa edição primorosamente apresentada, sendo completada por uma série de gráficos e ilustraçôes, mas também adaptada para o uso do leitor do Brasil e de Portugal. Numerosas notas de pe de página e mesmo a adaptação do texto, além da tradução constituem uma grande contribuição que, para tornar mais proveitosa a leitura da obra por parte dos consulentes brasileiros, deu à versão portuguêsa do volumoso livro seu principal tradutor —o Prof. Aires da Mata Machado.

Esta —se não nos enganam as bibliografias— já quinta tradução de uma obra especializada, realizada pelo Professor belohorizontino, leva-nos a rever a extensa obra científica, científico-popular e literária que o Catedrático da Filologia Românica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais tem realizado em condições tão difíceis que qualquer outra pessoa menos tenaz e menos dotada do bom sen o, conhecimentos e admirável memoria difìcilmente seria capaz de efetuar.

A atividade do Prof. Aires da Mata Machado, que este ano (1961) está comemorando o 30º aniversário da publicação do seu primeiro livro divide-se entre o jornalismo e o magistério. Quase tudo o que o Prof. Aires enfeixou em livro passara por um jornal mineiro ou carioca. Este fato, que lembra Mário Barreto, explica o caráter leve e accessível do eu estilo, que deve atrair o público pela sua forma simples, instruí-lo e aconselhá-lo.

Além da filologia ocupa o primeiro lugar, entre os múltiplos interêsses do principal tradutor de *O homem e as línguas,* o folclore, sendo êle, entre outras obras, autor de um livro fundamental da especialidade: *Curso de folclore,* que contem um rico material sôbre o folclore em geral e as suas múltiplas manifestações brasileiras, em particular. Êste interêsse nota-se igualmente na sua monografia *Arraial do Tijuco - cidade mineira* (1945, 2ª ed., 1957), onde entra também a preocupação histórica, que, além desta obra, originou o *Tiradentes, herói humano* (1948) —conferência sôbre a figura central da Inconfidência, focalizada de maneira tão original que desejamos que êste

folheto seja um germe de uma obra mais desenvolvida. De cunho histórico e também um livro que o Prof. Aires escreveu sôbre Castro Alves (*História de Castro Alves,* 1947) e um estudo que está sendo composto, versando sôbre o Conselheiro João da Mata Machado, figura importante dos últimos anos do Império e dos primeiros da República e parente do seu atual biógrafo. A novela *O fazendeiro formado* (1957) mostra o Prof. Aires como escritor —isto é, tal como êle freqüentemente se apresenta na Imprensa através das suas crônicas. Como crítico literário exerce o Prof. Aires a função de comentarista assíduo de novos livros, unindo as dotes de ensaista às do filólogo erudito na sua edição de *Camões-épico* (Agir, 1960), às de conhecedor da poesia no livro de interpretações da obra do poeta Augusto de Lima Júnior: *Idéias e poesia* (1960) e às de estilista na *Crítica de estilos* (1956).

Revendo a produção filológica que o Prof. Aires, no decorrer dos últimos anos, publicou, chegamos à conclusão de que, apesar de não ter ela um caráter tão pioneiro e orientador, como, p. ex., a de Antenor Nascentes, cumpre muito bem a sua missão de análise ou popularização dos assuntos lingüísticos. Sendo as principais esferas de seu interêsse filológico a estilística, a sintaxe e a dialectologia, é, sobretudo, na primeira e na última destas esferas que ele enriqueceu fundamentalmente a literatura especializada. Basta lembrar a principal obra estilística —a *Crítica de estilos* que mereceu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, para podermos apreciar a importância desta orientação do Prof. Aires; aliás, êle pode considerar-se um dos primeiros lingüístas que trataram dos assuntos estilísticos no Brasil. A principal obra dialectológica é *O negro e o Garimpo em Minas Gerais* (1943) —libro original que foi distinguido pelo Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras (1942) e do qual o Prof. Serafim da Silva Neto disse que é um "subsídio valioso para os estudos de dialectologia nacional" (*Bibliografia filológica,* III, Rio, 1944, p. 17); nesta obra o Autor levantou —como Leite de Vasconcelos fêz com o mirandês— um ignorado dialeto crioulo do Brasil, encontrado em São João de Chapada, acrescentando-lhe um amplo vocabulário. O interêsse pela sintaxe demonstra-o o Prof. Aires, notadamente, na *Correção na frase* (1953), onde se estuda, por exemplo, o problema da concordância e da regência.

Êste é um dos livros típicos que o Prof. Aires, no campo da filologia, costuma publicar. Reune neles os seús artigos de jornal ou, como êle os denomina, os frutos do "jornalismo gramatical". Considerando

serviço ao povo consultas aos leitores pela imprensa falada e escrita, não se limita, porém, a esta tarefa, introduzindo, com bom sucesso, noções filológicas nos assuntos tratados. Basta tomar qualquer livro dêste gênero, que o filólogo mineiro escreveu, para verificarmos que os artigos, uma vez desenvolvidos, com aproveitamento das idéias, apre entadas às vezes só em forma embrionária e sumária, dariam um bom estudo; citemos, por exemplo, os artigos "Estrutura do vocábulo" ou "Apontamentos ao linguajar mineiro" no livro *Em busca do termo próprio* (1947) para corroborarmos esta afirmação e, também, para revelarmos os bons conhocimentos que o Prof. Aires tem de lingüística geral, entre cujos introdutores em Minas figura, cumprindo, assim, em escala estadual, a mesma missão de que, com tanto êxito, se encarregou no Brasil o Prof. J. Mattoso Camara Jr. Outra prova da veracidade da nossa constatação encontramo-la no livro *Falar, ler e escrever* (1956) que, também, é rico em sugestões para o estudo aprofundado dos problemas da língua falada e escrita. À mesma conclusão chegariamos analisando vários outros livros filológicos que o Prof. Aires publicou, p. ex., *Problemas da língua* (1941), com importantes estudos do falar mineiro, as duas séries de *Escrever certo* (I. 1935, 2ª ed. 1938; II. 1938), onde se lê talvez o primeiro estudo sério que foi escrito no Brasil sobre a linguagem jornalística e onde se encontram, também, interessantes considerações sôbre a linguagem popular.

Dezoito livros publicados nos trinta anos e vários outros que ainda não foram editados (p. ex., o *Dicionário colegial e popular, Correntes lingüísticas* e *Pessoas e coisas mineiras)* é o balanço das atividades incansáveis do estudioso que, servindo principalmente ao Estado em cuja cidade Diamantina nasceu (1909), projetou-se além das fronteiras de Minas Gerais, merecendo a sua obra, porém, ainda mais atenção devido à sua riqueza de material e de sugestões.

SERAFIM DA SILVA NETO.

Serafim da Silva Neto, que morreu no dia 23 de Setembro de 1960, foi maior figura da geração moça no campo de filologia neolatina no Brasil e um dos seus mais notáveis representantes no mundo. Com a sua morte desapareceu um homem de invulgar assiduidade nos estudos, sempre a par da literatura filológica, desejoso de manter-se sempre atualizado quanto às novíssimas correntes científicas; um homem plenamente dedicado à pesquisa, modesto e cordial para com os colegas e alunos; um homem jovial, dotado de certo senso de humor.

Morreu cedo, aos 43 anos. Num constante pressentimento da morte,

torturado por doenças traiçoeiras, trabalhava às carreiras, tratando de terminar quanto antes as obras já iniciadas. Êsse mesmo pressentimento o levava a criar obras sintéticas e esbôços gerais, que, eventualmente, outros poderiam melhorar e aperfeiçoar.

Numa vida curta o Prof. Serafim da Silva Neto deixou uma grande produção científica, que já foi várias vezes apreciada, p. ex., nos necrológios, escritos por Silvio Elia (*Revista de Filologia Brasileira,* vol. 5, I-II) e por Aires da Mata Machado (*Diário de Notícias,* 16.10. 1960). Esta obra se ocupa, sobretudo, do latim vulgar, da história do idioma português, dos problemas do português do Brasil, das edições de textos antigos portuguêses e de algumas questões dialectológicas e etimológicas.

Se em primeiro lugar nomeamos o latim vulgar, é justamente por ter o Professor Serafim iniciado a carreira científica por êle. Ainda estudante da Faculdade de Direito de iterói (freqüentada por êle nos anos 1935-1939), na idade de dezanove anos, escreveu e, dois anos mais tarde, publicou um livro fundamental da matéria, *Fontes do latim vulgar. O Appendix Probi* (1938, 2ª ed. 1946, 3ª ed., 1956), que foi aceito, com elogios, pelos grandes Mestres europeus, como A. Ernout, J. Jud, G. Rohlfs, J. Leite de Vasconcelos e outros. Nesta obra o Prof. Serafim analisa as fontes para o conhecimento do latim vulgar e, particularmente, um doa mais importantes, o Appendix Probi, cujo texto publicar com detalhado comentário. Temàticamente está ligada a esta obra uma outra, publicada muitos anos depois, *História do Latim Vulgar* (1957), cuja maior contribuição são os capítulos que tratam de delimitar o conceito do latim vulgar e dão a conhecer os problemas que aparecem na área destes estudos.

O interêsse do Prof. Serafim pelo latim vulgar manifesta-se também em outros trabalhos, p. ex., em sua obra mais extensa, *História da Língua Portuguêsa,* publicada, em fascículos, entre os anos 1952-1957. Esta obra é a única no gênero no Brasil e em Portugal. Apresenta a história da língua portuguêsa, dedicando atenção, particularmente, à sua pre-história, enquanto que o próprio português é estudado só numa parte relativamente pequena desta obra de quase seiscentas páginas. Êste certo desequilibrio, que o autor desejava eliminar na segunda edição, não tira valor a esta obra que é uma das maiores realizadas no campo da filologia portuguêsa.

Uma grande significação, sobretudo bibliográfico-informativa, tem também o *Manual de Filologia Portuguêsa* (1952, 2ª ed., 1957), que apresenta uma história da filologia portuguêsa, indicando os princi-

pais dados bio-bibliográficos sobre os seus mais eminentes representantes em Portugal e, sumàriamente, no Brasil e noutros países, e focaliza, na segunda parte do livro, alguns problemas de dialectologia, de crítica de textos e de lexicografia.

De grande alcance são os trabalhos que versam sôbre o português do Brasil, especialmente a *Introdução ao estudo da língua portuguêsa no Brasil* (1950, 2ª ed., 1951); êste livro, ricamente documentado, é notável sobretudo devido ao interêsse que o A. revela pelos problemas históricos e sociológicos, que é preciso levar em conta quando se investiga o português do Brasil. Outro trabalho dêste grupo é *Diferenciação e unificação do português no Brasil,* Rio, s. d. (1946), 32 págs. O que representa o lado negativo destas obras é não ter podido o Autor empreender pesquisas de campo, talvez por não dispor de um bom estado de saúde que lhe permitisse continuar as viagens ao interior. Ciente disso, e sonhando sempre com a elaboração de um "Atlas Lingüístico do Brasil", tratou várias vezes de dar sugestões para fut ros trabalhos dialectológicos, p. ex., nas aulas que ministrou em Florianópolis, publicadas, mais tarde, no opúsculo *Guia para estudos dialectológicos* (1955; 2ª ed., 1957).

A publicação de textos arcaicos foi uma das tarefas a que se dedicou com grande carinho. Na sua obra *Textos medievais portuguêses e seus problemas* (1956) deixou assinalados os principais critérios que deveriam seguir todos aquêles que desejassem publicar edições dos textos medievais.

Depois do Prof. Antenor Nascentes foi Serafim da Silva Neto o segundo romanista brasileiro cujo nome e obras se tornaram conhecidos na Europa, gozando ali de merecido pertígio. Convites para participar em Congressos no estrangeiro, o título de doutor *honoris causa* conferido pela Universidade de Lisboa e, sobretudo, a honra de poder êle, professor brasileiro, reger por dois anos (de 1958 até a sua morte) a cadeira de filòlogia portuguêsa em Lisboa, no próprio torrão de Adolfo Coelho e J. Leite de Vasconcelos —são provas de aprêço com que era tida a atividade científica do Prof. Serafim além das fronteiras do Brasil.

Duas Universidades do Rio de Janeiro —a Universidade do Brasil e a Universidade Católica, onde êle lecionava— perderam um dos seus mais eminentes professores; a Academia de Filologia perdeu um dos seus mais notaveis representantes; a *Revista Brasileira de Filologia* perdeu o seu fundador e diretor. Um grande ciemtista, um grande

pedagogo, um grande organizador da vida científica e um grande homem perdeu o Brasil com a sua morte.

CELSO FERREIRA DA CUNHA.

Um dos filólogos brasileiros atuais que ultrapassaram as fronteiras do País, é Celso Ferreira da Cunha, Catedrático de Filologia Portuguêsa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e do Colégio Pedro II.

Nasceu em 1917 em Teófilo Ottoni, em Minas Gerais. Fêz seus estudos secundários no Colégio Anglo-Americano no Rio. É bacharel em Direto pela Faculdade Nacional de Direito, diplomado em Letras Neolatinas e licenciado pela Faculdade Nacional de Filosofia. Durantes três anos, 1952-1955, foi professor de Estudos Brasileiros na Sorbonne. Mais de quatro anos dirigiu a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e foi, também, por alguns meses, Secretário de Educação do Govêrno Provisório do Estado da Guanabara, logo depois da criação desta nova unidade administrativa.

Celso Cunha foi, junto com Antônio Houaiss, um dos fundadores e diretores da revista *Ibérida* e deu iniciativa à publicação de uma coleção de filologia românica, lançada pelo Instituto do Livro. Na sua atuação na Biblioteca Nacional enriqueceu o acervo dela com muitas obras importantes, trazidas da Europa e que até então não foi possível encontrar no Brasil (p. ex., vários átlas lingüísticos e coleções de revistas importantes). Celso Cunha é, também, membro de várias associações lingüísticas européias e brasileiras.

Além de livros didáticos e vários estudos, dos quais se destaca o seu ensaio sôbre o calão e a gíria, publicado na *Miscelanea de estudos em honra de Antenor Nascentes* (1941), tem-se dedicado, com amor e quase exlusivamente, aos estudos da língua e literatura antiga, tornando-se um notável medievalista, cujas obras, não numerosas, mas apuradas e de fino bom gôsto, despertaram interêsse da crítica estrangeira.

Três das obras de Celso Cunha podemos considerar as mais importantes tanto entre a sua produção, como entre os existentes estudos medievais.

Em 1949 publicou *O Cancionerio de Joao Zorro* (XXIII, 97 págs.), que é, segundo a opinião autorizada do Prof. M. de Paiva Boléo, "uma das melhores edições anotadas de textos medievais que até hoje se publicaram no Brasil" *(Revista Portuguêsa de Filologia,* vol VI, tomos I e II, 1953-55, pág. 97), revelando "segura preparação filológica, boa

informação bibliográfica / . . . / e capacidade crítica". Quase cada poesia de João Zorro é acompanhada de uma observação referente á classificação da poesia, aos manuscritos e suas variantes, às edições anteriores e à lição crítica. No glossário se registram os diversos sentidos ou emprêgos de tôdas as palavras, indicando-se-lhe o étimo ou os étimos, dos quais o Autor eecolhe um como o mais aceitável; citam-se aí também outros textos em que a palavra estudada ocorre, e os autores que se ocuparam da etimologia dos respectivos vocábulos. A apresentação das composições do poeta é precedida de um estudo lingüístico, em que se analisa a natureza das vogais nasais, o *e* paragógico e os arcaismos léxicos. Quanto ao texto das composições, foi estabelecido com base nos dois apógrafos conhecidos: o Cancioneiro da Vaticana e o Cancioneiro Colocci-Brancuti, chamado hoje: Cancioneiro da Biblioteca de Lisboa. ". . . para orientação dos novos que pretendem fazer edições críticas comentadas de textos medievais portugueses", diz ainda o insigne romanista português, "poucos trabalhos se prestarão tanto como êste sôbre *O Cancioneiro de Joao Zorro*".

Outro trabalho importante de Celso Cunha é *À margem da poética trovadoresca,* Rio de Janeiro, 1950, 93 págs. O subtítuto: "O regime dos encontros vocálicos interverbais" indica já do que se trata neste livro. Baseado em 39 cantigas (28 de Paay Gómez Charinho e 11 de João Zorro), que perfazem o total de 789 versos, o autor faz um estudo pormenorizado dos diferentes casos de elisão, hiato e sinalefa na poesia dos trovadores galego-portugueses, confirmando, com novos esclarecimentos, as conclusões a que tinha chegado Nobiling. "Exceptuando-se os casos indubitáveis de ditongação e os hiatos provocados por colisões de vogal nasal e vogal (oral ou nasal) contêm as cantigas de Charinho 301 elisões e 168 hiatos, irregularmente distribuidos"; "nas cantigas de Zorro há 49 elisões e 37 hiatos". Terminando o seu trabalho, salienta Celso Cunha que 1) aos trovadores não repugnavam os hiatos embora revelassem acentuada inclinação para elidir a vogal do encontro, quando átona; 2) o regime da elisao estava ligado ao ritmo do vers pe era contraregrado por impedimentos fonéticos, fonémicos e morfológicos; 3) a vogal final átona dos polissílabos perdia-se com mais freqüência que a dos monossílabos; 4) a sinalefa era aparentemente rara. Segundo M. de Paiva Boléo (*RPF*, vol. VI, tomos I e II, 1953-1955, págs. 102-103), "O opúsculos" "apresenta ao mesmo tempo interêsse lingüístico e literário" (p. 103).

A terceira obra importante de Celso Cunha é *O cancioneiro de Paay Gómez Charinho, trovador do século XIII,* 1949, tese apresenta-

da em concurso para provimento da cadeira de Literatura Portuguêsa da Faculdade Nacional de Filosofia (1945). A primeira parte da obra constitui um esbôço biográfico do Almirante e Poeta Paay Gómez Charinho, enquanto que a segunda aplica à obra do poeta os elementos de poética trovadoresca, ocupando-se dos encontros vocálicos inter-verbais, da estrofação, das fiindas (Cf. também "As fiindas das cantigas de Paay Gómez Charinho", de Celso Cunha, sep. da revista *Cultura)* e dos artifícios poéticos; na terceira parte do trabalho apresentam-se as cantigas de Paay Gómez Charinho, sendo o texto crítico delas acompanhado de indicação das edições diplomáticas e críticas existentes e das suas principais variantes.

Atualmente o Prof. Celso Cunha está preparando um trabalho sobre a história do verso português e outras obras ligadas a êstes seus interêsses. Estando em pleno auge das suas fôrças criadoras, promete êste discípulo predileto de Antenor Nascentes e Sousa da Silveira ainda muitos estudos, baseados na sua cuidadosa pesquisa, fino bom gosto e boa preparação filológica.

Observaçao final.

Há muitos filólogos brasileiros, sobretudo atuais, que, por motivos independentes da vontade do autor (especialmente, o pouco tempo que êle dispunha para a elaboração dêste trabalho) não foram incluidos nesta estudo. Mas apesar de incompleto, parece-nos que o nosso artigo poderá contribuir para o estudo sistemático da filologia brasileira e estimular os próprios filólogos brasileiros a prosseguirem e aperfeicoarem as nossas pesquisas que, se não têm outro mérito, são, na concepção agora apresentada, o primeiro trabalho sôbre esse tema tão rico e interessante.

Academia Tchecoslovaca das Ciências (Praga).
Universidade do Brasil (Rio de Janeiro)

Zdenek Hampejs.